

Psicopedagogia

Memória de sua formação na UFPB

Organizadores:

Éder da Silva Dantas

Geovani Soares de Assis

Sandra Cristina Moraes de Souza

GEPAD



Grupo de Estudos em Processos
de Aprendizagem e Diversidade



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES.

REITOR

VALDINEY VELOSO GOUVEIA

VICE-REITORA

LIANA FILGUEIRA CAVALCANTE



DIRETOR DO CCTA

ULISSES CARVALHO DA SILVA

VICE-DIRETORA

FABIANA CARDOSO SIQUEIRA



CONSELHO EDITORIAL DESTA PUBLICAÇÃO

Ulisses Carvalho da Silva

Carlos José Cartaxo

Magno Alexon Bezerra Seabra

José Francisco de Melo Neto

José David Campos Fernandes

Marcílio Fagner Onofre

EDITOR

José David Campos Fernandes

SECRETÁRIO DO CONSELHO EDITORIAL

Paulo Vieira

LABORATÓRIO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO

COORDENADOR

Pedro Nunes Filho

EDER DA SILVA DANTAS
GEOVANI SOARES DE ASSIS
SANDRA CRISTINA MORAES DE SOUZA

ORGANIZADORES

Amanda Pereira da silva
Celidyana Alves Nogueira
Edjailma Ponciano Rodrigues
Géssica Geovanna Lima de Jesus
Lívia Belarmino de Souza Lima
Suely Fermon de Morais Oliveira
Vanúbia Dantas araujo
Yasmin de Paula Cândido

COLABORADORES

PSICOPEDAGOGIA

memória de sua formação na UFPB

EDITORA DO CCTA
JOÃO PESSOA
2021

Capa Eder Dantas

Projeto gráfico: José Luiz da Silva

Bibliotecária responsável: Susiquine Ricardo Silva

Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Setorial do CCTA da Universidade Federal da Paraíba

P974 Psicopedagogia: memória de sua formação da UFPB [recurso eletrônico] / Organização: Eder da Silva Dantas, Geovani Soares de Assis, Sandra Cristina Moraes de Souza. – João Pessoa: Editora do CCTA, 2021.

Recurso digital (826kB)

Formato: ePDF

Requisito do Sistema: Adobe Acrobat Reader

ISBN: 978-65-5621-206-7

1. Psicopedagogia. 2. Psicopedagogia – Origem e história.
3. Psicopedagogia - Ensino - UFPB. I. Dantas, Eder da Silva.
II. Assis, Geovani Soares de. III. Souza, Sandra Cristina
Moraes de.

UFPB/BS-CCTA

CDU: 37.015.3

O conteúdo desta publicação é de inteira responsabilidade dos autores.

EDITORA DO CCTA/UFPB

Cidade Universitária, Campus I – s/n

João Pessoa – PB CEP 58.051-900

Site: <http://www.editoradoccta.com.br/index.html>

Fone: (83) 3216.7688

Impresso no Brasil.

Printed in Brazil.

SUMÁRIO

- 07 APRESENTAÇÃO
- 10 PREFÁCIO
- 14 CAPÍTULO 1 – 14 A PSICOPEDAGOGIA: contexto histórico
 - 14 Os primeiros enfoques psicopedagógicos
 - 17 A Psicopedagogia na Argentina
 - 18 A Psicopedagogia na Espanha
 - 19 A Psicopedagogia no Brasil
 - 25 A Psicopedagogia no Nordeste
 - 27 Outros horizontes percorridos
- 29 CAPÍTULO 2 – LUTAS E CONQUISTAS DA PSICOPEDAGOGIA NA PARAÍBA
 - 29 As raízes da Psicopedagogia na Paraíba
 - 31 Algumas personalidades da Psicopedagogia na Paraíba
 - 37 A ABPP na Paraíba: luta e conquista
- 43 CAPÍTULO 3 – A PSICOPEDAGOGIA NA UFPB
 - 43 A Graduação em Psicopedagogia: sua história na UFPB
 - 44 Reconhecimento e avaliação do curso pelo MEC
 - 71 A clínica escola: a Psicopedagogia e sua função social

74	Novas instalações
78	Cabe ao professor orientador:
78	Cabe ao Supervisor
79	Cabe ao coordenador de Estágios:
86	CAPÍTULO 4 – PERSPECTIVAS DA GRADUAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA NA UFPB
86	A reforma curricular
89	Novos serviços e laboratórios
90	Um desafio: avançar na Pós-graduação
93	CONCLUSÃO
94	REFERÊNCIAS

APRESENTAÇÃO

O homem é produtor e produto do mundo, uma semente que, se regada pelo otimismo e motivada pelo desejo, poderá se desenvolver e gerar uma árvore que dará sombra, fruto, ou apenas uma árvore. O fazer psicopedagógico se preocupa em regar essa semente, para que se torne uma planta e, anos mais tarde, uma enorme e forte árvore, mesmo sem saber se dará sombra ou frutos, mas possibilidades para que desempenhe o papel de fotossíntese, uma relação de produtividade, experiência de vida, uma busca constante pela humanidade.

Ao fazer uma analogia entre a semente e a Psicopedagogia, propomo-nos a pensar nesta última como um campo de atuação interdisciplinar, que estuda os processos de aprendizagem, e cujas sementes plantadas começam a florescer, o que aponta para o surgimento de uma nova ciência, independente e detentora de um caráter interdisciplinar. Devido à abrangência do termo ‘Psicopedagogia’, sentimo-nos confortáveis em apresentar alguns elementos que deram origem a esse movimento, tanto em âmbito mundial quanto nacional.

Com a finalidade de abranger essa história, optamos por desenvolver uma pesquisa de cunho histórico e qualitativo, uma vez que utiliza a coleta de dados sem medição numérica para descobrir ou aprimorar perguntas de pesquisa no processo de interpretação (SAMPIERI; CALLADO; LÚCIO, 2013).

Quanto ao objetivo, trata-se de um estudo de natureza exploratória, porquanto buscamos explicitar o fenômeno em estudo e abrir caminhos para futuros trabalhos, e descritivo, porque nossa intenção foi de descrever as características do fenômeno estudado (GONSALVES, 2005; ASSIS, 2016).

A pesquisa qualitativa, segundo Minayo (2010, p. 57), “[...] se aplica ao estudo da história, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam”. Quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa também se apresentou como documental. Segundo Ludke e André (2007, p. 38-39), “a análise documental busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse.”

A pesquisa foi dividida em dois momentos distintos. No primeiro, procuramos saber quais os Cursos de Especialização que eram ofertados em Psicopedagogia. Para isso, realizamos uma pesquisa nas instituições de Ensino Superior que ofereceram ou oferecem Cursos de Especialização em Psicopedagogia. No segundo, como a Universidade Federal da Paraíba – UFPB – foi a primeira instituição de ensino superior federal pública a ofertar um Curso de Bacharelado em Psicopedagogia, em nível de graduação, estudamos os documentos que fundamentaram sua criação e fizemos um levantamento, na Coordenação do referido curso, de todos os trabalhos de conclusão de curso (TCC), até então de-

fendidos, a fim de identificar as principais temáticas trabalhadas por área de conhecimento no campo da Psicopedagogia. É importante ressaltar que os fenômenos e os dados desta pesquisa foram apreendidos no ano de 2016, exceto as informações contidas no último capítulo. Os dados foram coletados por meio de questionário, composto de treze questões fechadas, encaminhado *on-line* para as instituições que atendiam a este critério: ter oferecido ou está oferecendo Curso de Especialização em Psicopedagogia.

Boa leitura!

PREFÁCIO

A escrita de um texto demanda de quem escreve implicação, presença e sentimento. O pertencimento ao texto se torna visível na medida em que as palavras delineadas à frente encontram ressonância no leitor/autor, que se reencontra na experiência vivida: produção-texto-autor-leitor. Em muitas circunstâncias, essa experiência é inédita, na medida em que cada leitura é ressignificada, e também um resgate, num movimento dinâmico de criticidade e acolhimento. Repousa no texto a inquietação por novas ideias, novas palavras, novas questões que suscitam no autor a necessidade de fazer mais e melhor. É de uma necessidade assim, visceral e ininterrupta, que nasce um livro!

Prefaciando o primeiro livro que faz um levantamento cuidadoso acerca da história da Psicopedagogia na Paraíba é uma honra e um desafio. A honra decorre de poder ocupar um lugar de acolhida neste estado, sobretudo nesta universidade, onde o diálogo institucional foi possível e sobremaneira exitoso. Transitar nos espaços físicos da UFPB, conhecer docentes do Curso de Psicopedagogia, ter o privilégio de criar laços afetivos com alguns deles, ter contato e amizade com os discentes e realizar eventos de formação em parceria com a universidade são alguns dos elementos que atestam a bem sucedida relação entre o Curso de Graduação em Psicopedagogia da UFPB e a Associação Brasileira de Psicopedagogia na Paraíba (ABPP - PB). Por essa via, este escrito é bem mais fácil e prazeroso.

O desafio diz respeito ao fato de o livro, que embasou as origens, rastreou o nascedouro, apresentou dados, trouxe informações, identificou personalidades importantes e marcou um lugar ter sido concluído. O **Grupo de Estudos em Processos de Aprendizagem e Diversidade** (GEPAD) trabalhou incansavelmente na coleta de dados, buscando pessoas, exercitando e desenvolvendo o olhar e a escuta investigativos, tão pertinentes e imprescindíveis ao fazer psicopedagógico. Por ter a alegria de fazer parte deste valoroso grupo e de ter partilhado a construção deste belo trabalho, a escrita do prefácio nos honra exatamente por causa das demandas elencadas inicialmente: implicação, presença e sentimento!

Este livro é um importante registro do caminho percorrido pela Psicopedagogia na Paraíba, um instrumento que poderá referenciar pesquisas para docentes, discentes e demais interessados nessa área, ainda recente em nosso país. O livro está organizado em quatro capítulos, cuja sequência é coerente com a ideia que o gerou e com o que se entende por “memória”, no sentido de passar para o leitor as informações cronológicas e de base da maneira mais clara e objetiva.

No primeiro capítulo, apresenta-se o contexto histórico da Psicopedagogia no mundo e no Brasil e se apontam os primeiros movimentos de formação e atuação, o marco teórico e os enfoques técnicos, basilares para se compreender todo esse traçado como um registro incontestante dos novos saberes e das possibilidades de

atuação, colaborativos com a construção de práticas e protocolos para o atendimento e a intervenção no universo da aprendizagem como um todo.

O segundo capítulo traz dados mais específicos sobre a Psicopedagogia na Paraíba, desenha um mapa regional de suas raízes e pontos emergentes, nomeia atores de relevância nesse processo e registra a chegada da ABPp ao estado.

No terceiro capítulo, em que a Psicopedagogia é personalizada na UFPB, são feitas considerações sobre o início do Curso de Graduação, seu reconhecimento pelo MEC e a implantação da Clínica-escola como um importante instrumento de formação e ação social, referenciando-a como a primeira no Brasil, e sobre o crescimento físico e curricular do curso.

No quarto capítulo, apresenta-se uma abordagem a respeito das mudanças já realizadas ao longo do primeiro decênio do Curso de Graduação, os avanços, as conquistas e os desafios e a possibilidade primorosa de a Pós-graduação ser um divisor de águas e de ampliar o horizonte na formação continuada, visando mais qualificação e produção científica.

O corpo deste livro traz um relato sobre a história da Psicopedagogia na Paraíba, cujo teor poderá referenciar novos textos como um marco inovador em produções sobre essa temática, que instiguem o leitor e situem-no em um tempo e um espaço atuais, em que ele também é sujeito desta história.

Eder Dantas

Assim, todos estão convidados a ler estas páginas e a passear pelos cenários que nelas são expostos. Esperamos que cada um de vocês se sinta confortável e satisfeito com o passeio que lhes oferecemos, de modo muito especial e grato!

Nosso livro está em suas mãos como uma bússola. Vamos passear juntos?

Suely Fermon de Moraes Oliveira
Psicopedagoga
Coordenadora do Núcleo ABPp-PB
Conselheira Nacional da ABPp

CAPÍTULO 1

A PSICOPEDAGOGIA

contexto histórico

OS PRIMEIROS ENFOQUES PSICOPEDAGÓGICOS

As preocupações com os problemas de aprendizagem originaram-se na Europa, no Século XIX. Com o fortalecimento de um capitalismo industrial na sociedade, evidenciaram-se as situações de desigualdades referentes a uma sociedade emergente. A crença no cientificismo tomou o lugar das superstições e das especulações metafísicas, e os estudiosos passaram a buscar comprovações através de testes.

[...] No que tange à escola, os testes procurarão explicar as diferenças de rendimentos dos alunos e o acesso diferenciado aos diversos graus de escolarização. Esse conhecimento produzido cientificamente, portanto verdadeiro e único, será base do pensamento reinante entre psicólogos e educadores a respeito das causas do fracasso escolar. (BOSSA, 2007. p. 39)

O enfoque no orgânico foi o precursor para orientar educadores, terapeutas e médicos para entenderem os déficits de

aprendizagem. Esse conceito de anormalidade, sob o ponto de vista médico e biológico, firmado no Século XX, logo adentrou o ambiente escolar, e todas as criança que não aprendiam eram rotuladas de “anormais”.

Na França, segundo a literatura, o primeiro centro médico-psicopedagógico foi fundado por George Mauco. Alihouve as primeiras tentativas de fazer articulações entre as abordagens médicas, psicológicas, psicanalíticas e pedagógicas, para tentar solucionar os problemas de comportamento e de aprendizagem (BOS-SA, 2011). Em 1898, o famoso professor de Psicologia, Édouard Claparède, e o neurologista François Neville, introduziram, nas escolas da rede pública, as “classes especiais”, que foram destinadas às crianças com déficit intelectual e, a partir desse fato, a iniciativa de médicos e educadores para a reeducação (CLAPARE-DE, 1959).

O Século XIX é apontado como o que despertou interesses de educadores para compreenderem indivíduos com déficits sensoriais e intelectuais e outras dificuldades relacionadas à aprendizagem e atendê-los. No final desse mesmo século, alguns deles, como Itard, Pereire, Pestalozzi e Seguin, dedicaram-se às crianças que apresentavam dificuldades de aprender decorrentes de vários tipos de distúrbios (MERY, 1985). E desenvolveram suas atividades da seguinte forma: Pestalozzi fundou, na Suíça, um centro de educação em que abrigava crianças pobres de todas as idades, inspirado nas ideias de Rousseau, por meio do método intuitivo e natural, para estimular a percepção. (DEMOULIN e DELMINE, 1977).

O estudioso Pereire trabalhou com a educação dos sentidos, principalmente a visão e o tato; Itard desenvolveu um trabalho da percepção relacionado aos indivíduos com déficit intelectual; Seguin, fundador da primeira escola de reeducação da França, empregou o método que denominou de fisiológico de educação e, em 1837, abriu uma escola destinada a crianças com déficits intelectivos, depois, emigrou para os Estados Unidos e, em 1948, suas ideias foram amplamente aceitas, e suas técnicas são empregadas até a atualidade (ANASTASI, 1982). Ainda no Século XIX, Seguin e Esquirol formaram uma equipe médico-pedagógica, para investigar os problemas neurológicos que afetam a aprendizagem. Montessori criou um método de aprendizagem que era aplicado em crianças com DI e, só depois, foi ampliado para todas as crianças. Seu principal objetivo era de trabalhar a educação da vontade e a alfabetização e de estimular o sensorial. (MERY, 1985)

Ovide Decroly criou os famosos Centros de Interesse, formados por grupos de aprendizagem, segundo a faixa etária dos estudantes, tendo como concepção as etapas de evolução neurológica infantil, por acreditar que as crianças apresentam condições biológicas suficientes para desenvolver seus conhecimentos de acordo com seus interesses (DECROLY, 1929).

Na metade do Século XX, nos EUA e na Europa, o número de escolas privadas e de ensino individualizado para crianças com aprendizagem lenta cresceu, e isso estimulou o surgimento dos centros psicopedagógicos. Em 1930, surgiram, na França, os

primeiros centros psicopedagógicos, que atuavam de forma integrativa, associando saberes da Psicologia, da Psicanálise e da Pedagogia com trabalhos voltados para a área comportamental, enfatizando comportamentos socialmente inadequados de crianças, tanto no ambiente escolar quanto nos lares. (MERY, 1985).

Ainda de acordo com Mery (1985), em 1946, foram criados por J. Boutonier e George Mauco os primeiros centro psicopedagógicos, com o intuito de unir os conhecimentos da Psicologia, da Psicanálise e da Pedagogia. Na mesma época, foi criada a Associação dos Centros Psicopedagógicos na França.

A partir de 1948, surgiu o termo ‘pedagogia curativa’, com caráter terapêutico, para compreender as crianças e os adolescentes desadaptados, porém inteligentes, que obtinham maus resultados escolares. Segundo Drouet (1995), esse tipo de atuação recebeu o nome de “Psicopedagogia Curativa” ou “Pedagogia Curativa” e designava, além de uma ação de reeducação especializada, exercícios de readaptação.

A PSICOPEDAGOGIA NA ARGENTINA

No que diz respeito à América do Sul, a Psicopedagogia desenvolveu-se amplamente na Argentina, e a Universidade de Buenos Aires foi a principal instituição a ofertar o Curso de Graduação, que percorreu três momentos distintos em seus estudos. O primeiro, relativo aos planos de 1956, 1958 e 1961, enfatizados na formação filosófica e psicológica, inclui uma concepção bioló-

gica e uma área específica psicopedagógica e como pré-requisito, o título de docente (diploma da escola normal) (BOSSA, 2011). O segundo é constituído pelos planos de 1963, 1964 e 1969, que são influenciados pela Psicologia experimental na formação do psicopedagogo, ou seja, uma formação instrumental com ênfase na medição das funções cognitivas e afetivas. O terceiro momento, a criação da licenciatura, em 1978, uma graduação com duração de cinco anos (BOSSA, 2011).

As autoras Alicia Fernández e Sarah Pain contribuíram fortemente para o crescimento da Psicopedagogia na Argentina. De acordo com Argenti e Escott (2001), essas autoras têm uma visão psicopedagógica mais abrangente, considerando a aprendizagem como articulação da inteligência, do desejo, do corpo e do organismo.

Um marco na história da Psicopedagogia em território argentino foi a criação do “Dia Nacional do Psicopedagogo”, estabelecido em 17 de setembro de 1982, data referente à fundação da Federação Argentina de Psicopedagogos (FAP), por um colegiado profissional de psicopedagogos. Segundo Gonçalves (2007, p. 17), “em 1983, foi criada a Asociación de Psicopedagogos de Capital Federal – PSP, mas foi no ano de 1986 que a PSP passou a ser reconhecida juridicamente”.

A PSICOPEDAGOGIA NA ESPANHA

Segundo Santos (2012), na Espanha, a Licenciatura em Psicopedagogia foi criada no ano de 1992, baseada em uma titulação universitária de segundo ciclo, pois o estudante deve cursar, em dois anos, disciplinas comuns aos cursos de formação de professores e, posteriormente, mais dois anos de formação específica em Psicopedagogia, com a finalidade de apresentar dois perfis: o orientador escolar, que realiza seu trabalho no contexto educativo-institucional, e o orientador educativo, que atua em contextos sociocomunitários.

O Ministério da Educação espanhol exige que o profissional de Psicopedagogia tenha conhecimentos em Psicologia e Pedagogia e se interesse pelo desenvolvimento humano e comunitário nas áreas de educação, formação e orientação, além de apresentar a capacidade de trabalhar em equipe no âmbito multiprofissional e o interesse por uma formação democrática, crítica e solidária.

A PSICOPEDAGOGIA NO BRASIL

No Brasil, os problemas de aprendizagem também são explicados a partir de fatores orgânicos influenciados pelas ideias vindas da Europa tanto na Psicologia quanto na Educação. No território brasileiro, a Psicopedagogia se iniciou no campo das especializações, disseminado com propósitos de compreender o fracasso escolar, ainda presente na atualidade, com ênfase no ambiente escolar. De acordo com Scoz (1991), a abordagem utilizada

pela Psicopedagogia, no Brasil, até a metade do Século XX, foi a Psiconeurologia do desenvolvimento humano, voltada para os problemas de aprendizagem, como: afasia, dislexia, disgrafia ou o conceito de disfunção cerebral mínima – DCM, que apontavam para uma visão orgânica.

Uma demonstração dessa visão data de 1934, quando foi realizada “a primeira experiência brasileira de clínicas de higiene mental, nas escolas, articuladas com a tarefa pedagógica” (PATO, 2000, p. 105), que demonstrava uma crescente preocupação com o enfoque pedagógico na higienização mental. É importante ressaltar que os primeiros psicólogos eram médicos, e os que não eram foram formados por esses profissionais, que começaram a lecionar nas escolas normais, em Cursos de Graduação em Psicologia e suas especializações na mesma área nas Faculdades de Filosofia (ARGENTI; ESCOTT, 2001).

Ainda segundo Argenti e Escott (2001), a Medicina influenciou o pensamento educacional brasileiro e contribuiu para que fossem difundidas as teorias baseadas em concepções racistas de comportamento humano e da vida social. Essa concepção enfoca demasiadamente o problema escolar, a partir do viés orgânico e físico, desvia o problema da aprendizagem para o nível individual e não considera o tipo de sociedade em que vivemos, portanto, desconsidera o contexto social.

Vale recordar que, concomitantemente ao desenvolvimento da Psicopedagogia no Brasil, vivenciamos, na metade do Século

XX, o Movimento Educacional da Escola Nova, considerada uma teoria educacional não crítica (SAVIANI, 1999). A Escola Nova surgiu a partir de 1920 e se consolidou em 1930. Sua teoria tinha como base os conceitos da Psicologia e da Biologia, e seu princípio era a equalização social, em que o marginalizado deixa de ser ignorante e passa a ser o diferente (FONTES, 2006).

Entre 1938 e 1956, foram criados o Centro Brasileiro de Pesquisa Educacional e os centros regionais. Segundo Patto (2000), as pesquisas de natureza psicopedagógica, em consonância com a visão do processo ensino-aprendizagem, resultou do encontro entre a Pedagogia e a Psicologia.

Na segunda metade da década de 1960, era possível encontrar dois tipos de trabalho psicopedagógico: um voltado para a prática corporal, realizado pelos psicometricistas, e outro com a linguagem oral, a audição, a voz, a leitura e a escrita (BOSSA, 2000). Esses trabalhos se fundamentavam na estimulação do meio, por se acreditar que, quando estimulado, constante e sucessivamente, ele poderia diminuir os problemas de aprendizagem (FONTES, 2006).

De 1965 a 1970, predominaram estudos psicopedagógicos, sobretudo nas Universidades e na produção acadêmica de psicólogos e pedagogos. De acordo com Patto (2000, p. 137), esses trabalhos tinham como ênfase “a pesquisa de instrumentos de medida psicológica, especialmente de habilidades específicas, tendo em vista aplicá-los no esclarecimento das causas das dificuldades

de aprendizagem escolar”. Ainda, na década de 1970, surgiu outra modalidade de trabalho - o de caráter preventivo - com o objetivo de evitar que os alunos frequentassem clínicas por apresentar problemas de aprendizagem ou desajustamento escolar. Fernández (1991, apud ARGENTI, 2001, p. 32) enfoca essa prevenção, ao dizer que, se existisse uma educação baseada na prevenção, que “[...] realmente representasse uma modalidade de transmissão da cultura [...]”, a maior parte dos problemas de aprendizagem deixaria de existir.

Na década de 1980, a educação brasileira foi marcada pelo aumento do número de vagas nas escolas, no entanto a qualidade do ensino não o acompanhou. A evasão e a repetência aumentaram nesse período, o que colocou o Brasil como 106º em evasão escolar no primeiro grau. Grande parte dessas crianças que computavam essa estatística vinha de escolas públicas das redes estaduais e municipais, pertencentes às camadas mais pobres da população (SOUZA, 1997).

No âmbito da Psicopedagogia, na década de 1980, houve um aumento de pesquisas direcionadas ao estudo da aprendizagem como um todo, que não só enfocavam a aprendizagem do aluno, mas também dos professores, considerando que eles são parte integrante do processo de ensino (RUBINSTEIN, 2003).

Esse pensamento parte da hipótese de que a relação professor-aluno é parte predominante, ou seja, caso o professor mantenha uma boa relação com a aprendizagem, formará bons alu-

nos, que também terão uma boa relação com o aprender. Caso os professores não mantenham uma boa relação com a aprendizagem, também passarão esse modelo para seus alunos. Surge, então, a ideia de fracasso escolar, que não inclui só os alunos e seus problemas, mas também os dos professores e da escola. Esse pensamento tem suas origens nas ideias higienistas, segundo as quais, não só os alunos deveriam ser higienizados mentalmente, mas também os professores e a escola.

De acordo com Patto (2000, p. 107),

falava-se em higiene mental escolar, e não, do escolar [...] nas clínicas ortofrênicas¹ o tratamento deveria abranger filhos e pais problemas, no ambiente escolar a higiene mental do professor era tida como condição necessária ao bom encaminhamento do processo educativo.

Esse pensamento de higiene mental foi amplamente divulgado pelo médico Arthur Ramos, o primeiro a contribuir com o desenvolvimento da Psicologia educacional no Brasil, preocupado com uma educação voltada para a higiene mental. Para Arthur Ramos, não só os alunos, mas também os professores poderiam apresentar distúrbios de personalidade.

A higiene mental do professor é hoje uma fase indispensável num serviço de higiene mental escolar. Dessa perspectiva, o comportamento do professor na relação com o aluno era tido como consequência de seus problemas emocionais familiares atuais ou passados: ora o professor estava projetando nos alunos seus próprios complexos,

¹ Ortofrênia – Ramo da Medicina que se ocupa das deficiências mentais.

refletindo nessa relação os desajustamentos emocionais, conjugais, econômicos, sociais de seu ambiente doméstico, ora repetindo no trato com as crianças suas próprias experiências decorrentes de uma educação equivocada ou sofrida (PATTO, 2000, p. 107).

Em relação à existência de Cursos de Psicopedagogia no Brasil, temos, em 1954, o primeiro registro de um Curso de Orientação Psicopedagógica, com o objetivo de oferecer atendimento a crianças excepcionais (BOSSA, 2000). Em 1967, foi ofertado um curso com enfoque relacionado a leitura e escrita. Só no final de década de 1970 foi que surgiram os primeiros Cursos de Especialização em Psicopedagogia no Brasil. Esses cursos foram criados para formar psicólogos e educadores que desejavam compreender bem mais os problemas relacionados à aprendizagem (BOSSA, 2000).

A Psicopedagogia conta com a Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp) desde 1988, a qual se iniciou em 1980, em São Paulo, como Associação de Psicopedagogos de São Paulo (FONTES, 2006). Em 2016, foi criado o núcleo da ABPp na Paraíba, com sede em João Pessoa.

A principal luta da ABPp, nos últimos anos, tem sido pela regulamentação do exercício profissional. Desde 2002, essa associação conseguiu inserir o psicopedagogo na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) do Ministério do Trabalho, com o número 239425. A CBO é o documento normalizador da nomea-

ção e da codificação dos títulos e do conteúdo das ocupações do mercado de trabalho brasileiro.

Atualmente o projeto de Lei PLC 31/2010, da ex-deputada Professora Raquel Teixeira, que trata da regulamentação do exercício da Psicopedagogia no Brasil, tramita no Senado Federal em fase conclusiva.

A PSICOPEDAGOGIA NO NORDESTE

No Brasil, a presença da Psicopedagogia data dos anos 1970, quando partiu da Região Sul para a Região Sudeste, e depois se espalhou pelo país. No estado da Bahia, em 1964, foi implantado o Instituto Psicopedagógico destinado a promover a educação do excepcional com deficiência mental. Na década de 70, foi criada a Divisão de Assistência Psicopedagógica no então Departamento de Ensino de 1º grau da Secretaria da Educação do Estado.

A formação de psicopedagogos ampliou-se a partir da primeira metade da década de 90, quando surgiram os primeiros cursos promovidos pelo Centro Psicopedagógico Vocacional e de Recursos Humanos (CRIA); a partir de 1992, o Centro de Estudos e Terapias Integradas de Salvador (CETIS), e logo em seguida, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). No ano de 1994, surgiu o primeiro movimento de organização de psicopedagogos no território baiano. Em 1996, foi criada a secção local da Associação Brasileira de Psicopedagogia, com mais de dez anos de atuação na capital na Secretaria de Estado da Educação (COSTA, PINTO, ANDRADE, 2013; BOMBONATTO et al., 2007).

O objeto de estudo da Psicopedagogia é o processo de aprendizagem humana. Para isso, o psicopedagogo precisa saber escutar e ter um olhar diferenciado para cada sujeito, cada grupo e cada contexto. Em Teresina - estado do Piauí - em 1986, foi fundado o Centro de Orientação Especializada do Piauí (COEPI), com a pretensão de oferecer escolaridade especial com enfoque psicopedagógico e atendimento clínico em Psicopedagogia; em 1995, o COEPI entrou em contato com a Escola de Psicopedagogia do Ceará (EPCE), firmou uma parceria e levou para Teresina o primeiro Curso de Especialização. Em 1998, a parceria já estava formando a quarta turma no Curso de Especialização. Em parceria com o Instituto Superior de Educação (ISEPRO), o COEPI formou a nona turma do Curso de Especialização em Psicopedagogia, com uma carga horária de 800h, contemplando a formação teórica e estágio supervisionado das ações educativas na clínica, na escola, na empresa e no hospital (ANJOS, DIAS, 2015; BOMBONATTO et al., 2007).

No estado do Ceará, em 1997, foram iniciadas as visitas aos Cursos de Psicopedagogia em Fortaleza; em 1999, começou o trabalho em prol da regulamentação da profissão do psicopedagogo. O projeto de Lei 3512/08, que regulamenta a profissão do psicopedagogo no Brasil, teve um grande impulso e foi aprovado pela Comissão de Constituição e Justiça da Câmara Federal. Outras atividades ocorreram durante todo o ano, como formação continuada do psicopedagogo e supervisões (RAMOS, 2009; BOMBONATTO et al., 2007).

Os estados do Rio Grande do Norte e de Sergipe são exemplos de como a formação do psicopedagogo ocorreu na história do país. Essa formação é feita por meio de Cursos de Pós-Graduação Lato Sensu, cuja carga horária é de 360 a 720h, e Stricto Sensu, regulamentado pelo Ministério da Educação - MEC.

OUTROS HORIZONTES PERCORRIDOS

De acordo com Fernandes (2013), no Brasil, a formação do psicopedagogo é feita em Cursos de Graduação e Pós-Graduação Lato Sensu. Na década de 70, iniciaram-se os Cursos de Especialização, que recebem alunos com diferentes Cursos de Graduação. Em 1986, foi incluído o componente curricular Introdução à Psicopedagogia na Graduação de Pedagogia, com o propósito de preparar os discentes para refletirem sobre problemas de aprendizagem e questões relacionadas à inclusão. Muitos deles continuam o estudo em Curso de Pós-Graduação Lato Sensu, com duração de dois anos, numa formação com 300horas de atividades teórico-práticas.

No Brasil, o percurso histórico da Psicopedagogia nos serviu de bússola, para que tentássemos descrever, através do tempo, a linha dos acontecimentos da expansão de nosso campo do conhecimento, numa viagem que nos permitiu resgatar o trajeto psicopedagógico no Brasil, onde a formação do psicopedagogo, em nível de graduação, ainda é embrionária. O primeiro Curso de Bacharelado na área foi criado em 2003e extinto em 2009. No

mesmo ano, outro foi instalado na Universidade Feevale, na cidade de Novo Hamburgo/RS, e funcionou até 2011. Em 2006, surgiu um novo curso no Centro Universitário Lasalle, na cidade de Canoas, Rio Grande do Sul. Em São Paulo, o Centro Universitário FIEO (UniFIEO) iniciou, em 2005, o Curso de Graduação em Psicopedagogia (Bacharelado) em 2006. Em 2010, a UFPB implantou o nosso curso.

Quadro 1: Cursos de Graduação em Psicopedagogia no Brasil - 2017

Ano de criação	Instituição	Situação atual
2003	PUC/RS	Extinto
2003	FEEVALE/RS	Extinto
2005	UNIFIEO/SP	Em funcionamento
2006	LASALLE/RS	Novos ingressos suspensos
2010	UFPB	Em funcionamento

Fonte: Santos; Mota; Oliveira; Andrade (2012)

Dos cinco cursos de graduação da área criados no Brasil, três não sobreviveram, e só dois estão funcionando. O número confirma o caráter insipiente da formação em Psicopedagogia nesse nível de ensino em nosso país e confere ao curso da UFPB uma grande responsabilidade como referência de formação profissional.

CAPÍTULO 2

LUTAS E CONQUISTAS DA PSICOPEDAGOGIA NA PARAÍBA

AS RAÍZES DA PSICOPEDAGOGIA NA PARAÍBA

As raízes da Psicopedagogia na Paraíba, como nos demais estados do Brasil, tiveram como nascedouro os Cursos de Especialização. Em *História da Psicopedagogia e da ABPp no Brasil: fatos, protagonistas e conquistas*, organizado por Maluf e Bobonato (2007), a formação em Psicopedagogia no Brasil tem como base a implantação dos Cursos de Especialização. Antes, porém, de apresentar um panorama dos Cursos de Especialização em Psicopedagogia na Paraíba, é necessário esclarecer que o quadro apresentado não corresponde ao total de instituições que ofertaram ou ofertam esse curso na Paraíba.

Assim, para que possamos compreender como os cursos se desenvolvem, apresentamos, abaixo, um quadro com algumas informações a respeito. Para preservar a identidade das instituições, utilizamos nomes fictícios, iniciados com a letra **P**.

Quadro 2: Instituições de Ensino Superior – Curso de Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional - 2017

INSTITUIÇÃO	MOTIVAÇÃO	ANO	PERFIL	UAND. TURMAS	DURAÇÃO	CH	VAGAS	MD	FREQUÊNCIA
Pro-mo- ver	De-manda do Merca-do	2002	Psicologia Pedagogia	21	15 meses	390	50	Pre-sencial	Quinzenal
Pro- posta	De-manda do Merca-do	2007	Psicologia Pedagogia Fonoaudiólogos	05	12 meses	390	40	Pre-sencial	Quinzenal
Per- cep- ção	De-manda do Merca-do	2008	Psicologia Pedagogia	61	15 meses	420	60	Pre-sencial	Quinzenal

Fonte: Pesquisa nas instituições (2017)

A princípio, os leitores deste estudo devem estar perguntando qual o motivo de um número tão pequeno de instituições. Tentamos várias maneiras de ter mais informações sobre isso, mas não obtivemos respostas. Compreendemos que, embora os avanços científicos tenham ganhado espaço nas últimas décadas, ainda existem instituições privadas que resistem a participar de pesquisas científicas.

Podemos identificar a sazonalidade do funcionamento da maioria desses cursos (cuja abertura de turmas depende da demanda do mercado). Outro dado interessante é que, na oferta que

consta nos portais de diversas instituições, encontramos a formação tanto na modalidade presencial quanto a distância.

Os dados coletados indicaram que, dos cursos que oferecem regularmente Especialização em Psicopedagogia, o mais antigo é do ano de 2002. Antes disso, pelo depoimento colhido de profissionais formados e que atuam no mercado de trabalho paraibano, a formação específica em Psicopedagogia teria que ser feita em outros estados do país, como veremos mais adiante.

ALGUMAS PERSONALIDADES DA PSICOPEDAGOGIA NA PARAÍBA

No âmbito da história da Psicopedagogia na Paraíba, convém ressaltar em nossa pesquisa a participação de três profissionais que vivenciaram, cada uma em seu contexto, a história da Psicopedagogia nesse estado e que contribuíram para a implantação, a atuação e a legislação do profissional da Psicopedagogia na Paraíba: a Professora Eliane Dutra Fernandes, a Doutora Janine Marta Coelho Rodrigues e Suely Fermon que, atualmente, coordena o Núcleo da ABPp na Paraíba.

O instrumento utilizado para a coleta dos dados foi a entrevista, com dois formatos: uma estruturada e a outra não estruturada, aplicada com profissionais que vivenciaram o surgimento da Psicopedagogia na Paraíba e com a atual coordenadora do Núcleo da ABPp na Paraíba. A escolha pela entrevista se justifica porque é um instrumento que assegura a captação imediata e cor-

rente da informação, além de permitir correções, esclarecimentos e adaptações, o que a torna eficaz na obtenção de informações (LUDKE; ANDRÉ, 2007).

As entrevistas foram gravadas e transcritas com a permissão dos participantes. Isso proporcionou um diálogo mais informal com os entrevistados e nos possibilitou registrar aspectos observados que não foram evidenciados nas falas.

Inicialmente, a entrevistada foi uma das primeiras psicopedagogas atuantes na Paraíba, a Prof^{fa}. Eliane Dutra Fernandes. A entrevista, feita pela professora pesquisadora, integrante do GEPAD, Vanúbia Dantas de Araújo, aconteceu em dezembro de 2016. Eliane Dutra foi a primeira psicopedagoga, na Paraíba, com formação na área, realizada na cidade de São Paulo, nos anos de 1986 e 1987. Formou-se em Pedagogia, pela Universidade Federal da Paraíba; tem Cursos de Pós-graduação lato sensu (Especialização) em Planejamento e Desenvolvimento Social, pela UFPB, em colaboração com a Universidade Federal do Ceará; em Psicopedagogia, pela Universidade São Judas Tadeu, em São Paulo; e em Psicomotricidade, pela Universidade Cândido Mendes, no Rio de Janeiro. Fez cursos de capacitação, nas áreas de educação de adultos, educação especial, distúrbios de aprendizagem, dislexia, disgrafia e disortografia, altas habilidades/superdotação (AH/SD), além de Curso de Introdução à Filosofia, pela Associação Palas Athenas (SP).

Ela citou as oficinas de que participou, entre elas: distúrbios de aprendizagem, diagnóstico psicopedagógico, dislexia, atendimento educacional especializado etc. Lembrou que o Curso de Psicopedagogia realizado em São Paulo não fazia distinção entre Psicopedagogia Clínica e Psicopedagogia Institucional. Por essa razão, fez, aqui em João Pessoa, um Curso de Psicopedagogia Clínica, no Centro de Tecnologia e Pesquisa – CINTEP, em parceria com a Faculdade Nossa Senhora de Lourdes.

Em relação à atuação profissional, Eliane Dutra já está aposentada de suas funções na Fundação Nacional de Assistência ao Deficiente – FUNAD, onde atuou nas áreas de triagem e avaliação. Contribuiu também com a orientação de professores que tinham alunos com dificuldades de aprendizagem e alunos com deficiência. Essas orientações tratavam de mostrar a diferença entre a dificuldade de aprendizagem e os transtornos de aprendizagem e eram feitas nas escolas e na FUNAD, em encontros pedagógicos e em cursos.

Do ponto de vista da produção científica, a professora colaborou com o livro *Transtornos e dificuldades de aprendizagem*, organizado por Simaia Sampaio e Ivana Braga e editado pela Editora WAK, em 2011. Ela escreveu o capítulo intitulado *Psicomotricidade: um passo para vencer as dificuldades de aprendizagem*. Sua entrevista retrata os primórdios da atuação psicopedagógica em território paraibano e contribuiu para demonstrar as primeiras ações que envolveram a chegada da Psicopedagogia.

Entrevistamos também a Prof. Dra^a. Janine Marta Coelho Rodrigues, idealizadora e primeira coordenadora do Curso de Psicopedagogia da UFPB em 2009. A entrevista foi realizada pela Professora Doutora Geovani Soares de Assis, e a Prof.^a Ms.^a Sandra Cristina Morais de Souza, com o objetivo de conhecer os motivos para implantação do Curso de Psicopedagogia na UFPB.

Janine Coelho iniciou sua história na Psicopedagogia ao fazer um curso também em São Paulo, na Faculdade Santa Joana, em 1989, quando conheceu o Professor Bernardo Quirós, vindo da Argentina. O curso durou um ano, mas não apresentou o formato dos cursos de especializações que temos hoje. Nos anos de 1990, a professora percebeu que houve um avanço da Psicopedagogia no Brasil, o que motivou a construção de um projeto para implantar o Curso de Bacharelado na área na UFPB. Para tanto, fez um levantamento acerca da oferta desses cursos.

Nesse ínterim, Janine Marta conheceu a Professora Soraia, do Rio Grande do Sul, da Faculdade de Santa Maria, que trabalhava com a classe hospitalar, o que coincide com o trabalho que desenvolve em João Pessoa. O encontro ocorreu em um congresso no Rio de Janeiro, durante o qual a Professora Soraia relatou como foi sua experiência em montar um Curso de Psicopedagogia na Faculdade de Santa Maria.

A partir de 2007, a Professora Janine Marta, depois de retornar de um evento da Psicopedagogia em nível nacional, conversou com o Professor Otávio Mendonça, então Diretor do Centro

de Educação - CE, sobre a ideia de montar um curso de graduação na área, e ele a indicou para elaborar o projeto. Também foi convidada a colaborar com ela a Professora Marisete Fernandes. Segundo Janine, no processo de construção do PPC do Curso de Psicopedagogia, contou-se, ainda, com a participação da Professora Doutora Carmen Queiroz, que, na época, era coordenadora do Curso de Pedagogia do Centro de Educação e contribuiu com discussões e ideias. Depois de estruturado o projeto, contamos com a consultoria da psicopedagoga Nádya Bossa em relação à estrutura do curso. De acordo com a Professora Janine, Nádya Bossa teria feito o seguinte comentário: “Professora, a senhora está de parabéns porque até eu gostaria de fazer esse curso tão redondinho, tão arrumadinho que ficou”.

No Centro de Educação – CE - o processo tramitou em diferentes departamentos, e diversos professores criticaram a criação do curso – uns, por entenderem que não havia mercado de trabalho na área, e outros, porque achavam que a Psicopedagogia seria, na verdade, uma área de aprofundamento, e não, uma formação inicial. É importante destacar a firmeza dos Professores Otávio Machado Lopes de Mendonça e Wilson Honorato Aragão, respectivamente diretor e vice-diretor do CE, na defesa da criação do curso, que não foi consensual.

Quando terminaram todos os trâmites legais, no Centro de Educação, entre 2007 e 2008, o projeto foi encaminhado ao Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão - CONSEPE.

Nesse período, a Professora Janine era componente do CONSEPE e passou a discutir com os demais conselheiros em diversas reuniões sobre o que era o curso - que não seria um arremedo de Psicologia nem de Pedagogia, porquanto a Psicopedagogia têm um lastro de conhecimentos próprios, as questões de aprendizagem.

Para prover bem mais o projeto de argumentação teórica e prática, a Professora Janine Marta perguntou aos egressos dos Cursos de Especialização quais os locais em que estavam atuando e constatou que uns atuavam na Psicopedagoga empresarial, e outros, na hospitalar. Esse quadro demonstrou um quantitativo bem superior de profissionais que atuavam na área educacional, com a predominância da Psicopedagogia institucional, o que instigou a oferta do Curso de Graduação em Psicopedagogia, com ênfase na Psicopedagogia institucional, com duração de três anos.

Com a aprovação do Projeto Político Pedagógico do Curso - PPC - pelo CONSEPE, foi autorizada a realização do primeiro vestibular, com 40 vagas, para o qual se inscreveram mais de 1.000 candidatos - mais de 25 por vaga. A partir de então, surgiram as dificuldades operacionais, e uma delas consistia em alocar os professores. O Centro de Educação - CE - decidiu criar o Departamento de Psicopedagogia, o que possibilitou a contratação dos professores para atuarem nele. Dessa feita, a Professora Carmem, que já vinha participando do processo de criação do curso, foi convidada para chefiar o Departamento, e a Professora Janine Marta, para coordenar o Curso de Graduação em Psicopedagogia.

Quando terminaram os concursos, a Coordenação e o Departamento começaram a montar a biblioteca do curso, inicialmente com muitos livros doados. A aula inaugural foi proferida pela Professora Késia Bobonato, que, na época, era presidente da ABPP. Depois de três anos de funcionamento, o MEC avaliou o Curso de Psicopedagogia com nota 4, no ciclo de 0 a 5, resultado extremamente significativo.

A entrevista com a Professora Janine trouxe uma contribuição fundamental para se compreender como surgiu a Psicopedagogia na Paraíba e, sobretudo, criar e implantar o Curso de Psicopedagogia da UFPB em 2009. Esse depoimento retrata todo o movimento que motivou a chegada da Psicopedagogia na Paraíba, pois, embora a pesquisa histórica trate de aspectos documentais, o discurso da Professora Janine acrescenta elementos subjetivos que envolveram esse movimento.

A ABPP NA PARAÍBA: LUTA E CONQUISTA

Em fevereiro de 2017, no ambiente 42 da UFPB, entrevistamos a professora e psicopedagoga Suely Fremon, representante da ABPP na Paraíba, que é formada em Pedagogia há 17 anos. Logo que concluiu a graduação, cursou uma Especialização em Psicopedagogia, que estava chegando ao Ceará, especialmente em Fortaleza, o que despertou seu interesse em fazer o curso. O tempo de formação na área de Psicopedagogia é de, aproximadamente, 15 anos.

A professora enfatizou que o trabalho da ABPp no Ceará começou há cerca de 28 anos e que conheceu a associação quando era aluna do Curso de Especialização, pois havia um trabalho de divulgação nas turmas. Foi o primeiro contato com a proposta da associação, com a qual se identificou. A proposta era muito séria, inclusive quase todos os professores da Especialização eram associados da ABPp. Tudo isso representou um espelho para os alunos e a representatividade da associação, principalmente no que dizia respeito ao amparo institucional, o que passava segurança para os novos associados.

Essa impressão foi tão forte que, logo que concluiu o curso, ela se associou à entidade e começou a participar de eventos promovidos por ela. Durante o período de cinco anos, dedicou-se a cursos de capacitação e formação continuada, buscando uma preparação sólida para adentrar o campo de atuação. Foi uma trajetória muito intensa. Depois desse período, começaram os primeiros atendimentos. Dois anos depois, surgiu o convite para ministrar aula em cursos de pós-graduação. Assim, começou sua experiência na docência. Nesse momento, foi possível interligar a prática nos atendimentos com a teoria - uma experiência singular.

No que diz respeito à formação do psicopedagogo na atualidade, Suely referiu que essa formação carece de aprimoramento, sobretudo porque existem profissionais que não têm uma formação adequada, e os cursos que são oferecidos não aprofundam o

conteúdo e a prática, principalmente em cidades do interior da Paraíba, onde essa realidade é uma preocupação para a ABPp.

Ainda sobre a formação do psicopedagogo, ela relatou que, ao conhecer de perto o trabalho do Curso de Graduação em Psicopedagogia da UFPB, sentiu-se otimista, pois observou que a estrutura curricular do curso apresentava maturidade e ressaltou a participação de membros e conselheiros da ABPp que vieram opinar e deram sua contribuição ao curso. O fato de ser a única graduação em nível nacional de Universidade Pública Federal tem um peso muito grande perante o MEC.

Falando como representante do núcleo da ABPp na Paraíba, Suely destacou a preocupação com os cursos de especialização que viraram produto comercial e favorecem os empresários do ramo educacional. Essa preocupação vem ao encontro da fala de Bossa (2011) sobre a proliferação de cursos sem uma formação adequada. Ela também demonstrou preocupação, por exemplo, com a situação do estágio supervisionado, pois, em alguns casos, não existe profissional habilitado na área para supervisionar os alunos. Existem situações em que os estagiários são colocados numa sala, chamada de clínica-escola, com alguns jogos, mas sem a presença de um supervisor para observá-los e acompanhá-los. Assim, se for necessária uma correção, uma assertividade maior, ou se houver uma falha técnica, o estagiário não dispõe de uma orientação adequada.

Há casos em que a supervisão é feita através de relatório, sem nenhuma atividade prática nem a observação in loco. Essas são situações reais. A ABPp se preocupa com essas questões e já fez visitas a algumas instituições e presenciou algumas argumentações da Coordenação de que o estágio supervisionado requer um foco maior do supervisor, cuja presença é imprescindível. Outro aspecto em relação à formação do psicopedagogo diz respeito aos cursos ofertados na modalidade a distância. Segundo ela, a área da Psicopedagogia requer uma subjetividade. Sobre isso, disse a professora: “Nós nos questionamos se esses cursos ofertados a distância se debruçam sobre essa especificidade”.

No que tange à atuação da ABPP na Paraíba, a Professora Suely disse que sua chegada à Paraíba ocorreu em 2015, com o objetivo de implantar a ABPp. A associação exige alguns procedimentos para a implantação do núcleo. Primeiro se configura um grupo de estudos, que se apresenta como a 1ª. Formação e deve ser constituído de, no mínimo, dez pessoas associadas, tendo coordenadora tem que ser um membro titular.

Essa foi uma das razões por que Suely veio para a Paraíba, pois ela é membro titular da ABPp, requisito necessário para abertura do núcleo no Estado.

Na época, ela participou de um processo e apresentou um documento ao Conselho Nacional da ABPp, uma carta de intenções, os nomes das associadas e um cronograma de atividades para o semestre. Toda a documentação foi apresentada no mês

de junho. A partir do 2º semestre de 2015, passaram a ocorrer encontros mensais, com estudos técnicos sobre o Conselho de Ética, principalmente o Código de Ética da ABPp, que é um instrumento norteador. Tudo isso para que se pudesse usar o nome dessa associação na Paraíba. Com essas exigências, atendem a todo o processo de formalização, pois a ABPp é, de acordo com ela, muito criteriosa.

A sua vinda para a Paraíba foi autorizada pelo Conselho Nacional da ABPp. Para isso, participou de uma banca para sua titulação, com todos os critérios de formalização, e apresentou toda a documentação necessária, seguindo todo o protocolo, que exigia atas, listas de assinatura dos presentes e registro de fotos. Depois desse processo, foi deliberado, consensualmente, por unanimidade, entre todas as conselheiras representantes do Brasil, que a ABPb-PB poderíamos ascender à condição de núcleo, com sede no escritório da Coordenação geral.

Atualmente, a situação de associados no Núcleo Paraíba é de 49 associados iniciais, dos quais, cerca de 16/18 se mantiveram, entretanto estamos recebendo novas associações, inclusive alunos da UFPB estão nos procurando. Além disso, o núcleo tem incentivado cursos de aperfeiçoamento e capacitação, com a intenção de captar novos associados.

Ao ser questionada sobre o mercado de trabalho para a Psicopedagogia na Paraíba, a Professora Suely destacou o crescimento da quantidade de consultórios. Entretanto, em alguns,

são ofertados outros serviços, como reforço escolar, que diverge do atendimento psicopedagógico. O mercado de trabalho para o psicopedagogo é vasto, entretanto, a formação acadêmica ainda prioriza a atuação desse profissional na escola ou no consultório. Segundo a professora, é preciso incentivar a atuação no campo institucional, pois existem várias possibilidades de empregabilidade nessa área, inclusive, em hospitais e demais instituições.

A respeito das principais dificuldades enfrentadas pela ABPp na Paraíba, ela mencionou a formação profissional e disse que um sujeito que não tem uma formação adequada irá comprometer a qualidade do trabalho psicopedagógico. Lidamos com sujeitos com dificuldades de aprender, e a depender do tipo de atendimento ofertado, podemos ter um comprometimento aumentado, ao invés de atenuado.

Depois de concluir a entrevista, Suely Fermon enfatizou um aspecto positivo que vem acontecendo em João Pessoa: algumas clínicas particulares que são conveniadas com planos de saúde e que tem em seu quadro psicopedagogos estão exigindo um número de registro na entidade de classe, ou seja, na ABPp, o que favorece a adesão de novos psicopedagogos. A fala da Prof. Suely revela a institucionalização do trabalho psicopedagógico no Brasil e na Paraíba. Esse trabalho está atrelado às ações desenvolvidas pela ABPp, e isso envolve a formação e a profissionalização do psicopedagogo.

CAPITULO 3

A PSICOPEDAGOGIA NA UFPB

A GRADUAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA: SUA HISTÓRIA NA UFPB

O Curso de Graduação em Psicopedagogia é vinculado ao Centro de Educação, *Campus I* da UFPB, foi criado em 2009, e seu Projeto Pedagógico foi aprovado através da Resolução nº 03/2009 do CONSEPE, com uma carga horária de 2.160 h, 144 créditos, distribuídos em sete semestres letivos, e seu perfil profissional inicial é a formação do psicopedagogo para atuar no campo institucional.

Em 2010, a Professora Adriana de Andrade Gaião e Barbosa foi eleita coordenadora do curso, e para a chefia Departamental, a Professora Geovani Soares de Assis. A nova coordenação liderou o debate sobre a demanda psicopedagógica no mercado de trabalho, que a matriz curricular aprovada do curso não contemplava, e isso criou um mal-estar no corpo discente, pois divergia da matriz oferecida nos Cursos de Especialização em Psicopedagogia.

Assim, visando oferecer uma formação mais geral, que preparasse o futuro psicopedagogo para atuar no campo institucional e no clínico, a Coordenação do curso, juntamente com seu

colegiado de professores, propôs ao CONSEPE um ajuste em seu PPC, que foi concedido, e ele passou a oferecer o Curso de Bacharelado em Psicopedagogia com as habilitações clínica e institucional. Dessa feita, os esforços empreendidos por profissionais, professores, técnicos administrativos e coordenadores e chefes de departamento possibilitaram a formação de **216** psicopedagogos, contabilizados a partir da entrega e da defesa dos trabalhos de conclusão de curso – TCC.

O Curso de Psicopedagogia da UFPB tem um leque de estudantes oriundos não somente do estado da Paraíba, mas também de diversos estados do Brasil, o que demonstra a credibilidade do curso.

RECONHECIMENTO E AVALIAÇÃO DO CURSO PELO MEC

Entre 17 e 20/07/2013, o curso foi visitado por uma comissão designada pelo Ministério da Educação – MEC, nos marcos do Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação presencial e a distância para serem reconhecidos oficialmente. A comissão foi formada pelos docentes Aparecido dos Santos e Maria Inês Crnkovic Octaviani. A Coordenação do Curso está sob a responsabilidade do Prof. Dr. Roberto Derivaldo Anselmo, e a vice, de Geovani Soares de Assis.

Depois de analisar toda a documentação referente ao processo de reconhecimento, de sua estrutura acadêmica e física, de

sua organização administrativa e do perfil do seu corpo docente, a comissão atribuiu o conceito final 4,0 (quatro), nota considerada excelente para uma primeira avaliação em um curso inédito numa universidade pública. O melhor desempenho foi na dimensão 2, referente ao corpo docente, todos com formação na área, com Doutorado ou Mestrado e com ampla experiência na Educação Superior, avaliada com nota 4,3.

O segundo melhor resultado foi obtido na dimensão 1 (com nota 4,1), concernente à organização didático-pedagógica. Depois de analisar sistematicamente a documentação pertinente a essa dimensão, constatamos que os objetivos do curso, o perfil do egresso e o currículo proposto e desenvolvido estavam adequados e devidamente articulados entre si. O ponto considerado mais fraco foi a dimensão 3, no tocante à sua infraestrutura, com destaque para a necessidade de melhorar as instalações e o acervo da Biblioteca Setorial do CE.

No final do relatório de avaliação, a comissão salientou que considerou “certo ineditismo do Curso de Bacharel em Psicopedagogia nas Universidades Brasileiras e a escassez de uma legislação específica que regulamente o curso e a profissão” (2013, 17). Entendeu, também, que a documentação produzida pela UFPB poderá “subsidiar, sobremaneira, a construção de referenciais e diretrizes curriculares específicas para implantação e implementação do curso em referência” (idem). Por último, os avaliadores destacaram a viabilidade do curso, do ponto de vista da procura e

do mercado de trabalho, observando que “a realidade observada indica que: a demanda do curso é evidente (20 candidatos/vaga na média em cada processo seletivo) e que há uma ampla” (idem).

A avaliação do MEC confirmou a correção da ideia de criar o curso e suas boas condições de funcionamento e de formação dos futuros profissionais. A expectativa é muito positiva para uma nova avaliação do MEC, esperada para breve. De 2013 para 2017, as três dimensões do curso só têm melhorado. Aguarda-se, pelo menos, a manutenção da nota anterior ou até a evolução para o conceito 5 (cinco), nota máxima para os cursos de graduação.

Apresentaremos, a seguir, um estudo dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), retratando o interesse dos discentes em função da formação que receberam no decorrer do curso. Para isso, mapeamos e analisamos as temáticas trabalhadas e apresentadas a partir de **2012.2**, ano em que se iniciaram as primeiras defesas, e fizemos um agrupamento por categorias, conforme veremos a seguir:

Quadro 3: Trabalho de Conclusão de Curso por período, categoria e tema – Psicopedagogia – 2012.2

PERÍODO 2012.2	
CATEGORIA	TEMA
Família	Estilos parentais e engajamento escolar: uma explicação a partir da Teoria da Autodeterminação
	A relação entre estilos parentais e hábitos de estudo
	Interações familiares e rendimento escolar de adolescentes: um estudo correlacional

Intervenção psicopedagógica	Deficiência Intelectual em Adolescentes com Síndrome de Williams: intervenções psicopedagógicas
	Hábitos de sono em crianças: construção de uma proposta de intervenção escolar
Comportamento	Ansiedade e bem-estar nos estudantes de psicopedagogia: um estudo correlacional
Ludicidade	Contribuições da ludicidade para o desenvolvimento da criança pequena: concepção dos professores
Aprendizagem	Procrastinação acadêmica e modalidades de ensino: análise em estudantes da Educação Presencial e a Distância
Assessoramento psicopedagógico	Representações sociais dos profissionais da Educação acerca dos adolescentes em conflito com a Lei
	Os valores humanos como preditores da percepção da escola como comunidade
Leitura e escrita	Avaliação da fluência de leitura oral: um estudo com crianças do 6º ano/João Pessoa-PB
	Intervenção psicopedagógica nas habilidades de leitura e escrita em criança com microcefalia: estudo de caso

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

O quadro exposto indica que os trabalhos de conclusão de curso do período **2012.2** foram agrupados nas categorias: ‘família’, ‘intervenção psicopedagógica’, ‘comportamento’, ‘ludicidade’, ‘aprendizagem’, ‘assessoramento psicopedagógico’ e ‘leitura e escrita’. Todas as temáticas são trabalhadas no decorrer do Curso de Psicopedagogia e estão inseridas na formação e na atuação do psicopedagogo. A categoria ‘família’ figurou com o maior número de trabalhos - três.

A representatividade dos trabalhos que abordam a temática ‘família’ abre um espaço de discussão entre a Psicopedagogia e o contexto familiar. Isso corrobora o pensamento de Munhoz

(2004, p. 179) de que, “sendo o indivíduo e a família dois sistemas em constante interação, será no contexto familiar que se darão as primeiras experiências de aprendizagem [...]”. Assim, como o objeto de estudo da Psicopedagogia é a aprendizagem, apoia-se nas relações entre ensinantes e aprendentes, conscientes de que a aquisição do conhecimento inicia-se no contexto familiar destes últimos.

Vale salientar que essa turma foi a pioneira do curso, com 50 alunos ingressantes, dos quais somente 12 apresentaram seu TCC. Esse dado é compreensível, considerando as angústias e as dúvidas que cercam a finalização da turma pioneira.

Quadro 3: Trabalho de conclusão de curso por período, categoria e tema – Psicopedagogia – 2013.1

PERÍODO 2013.1	
CATEGORIA	TEMA
Idoso	Relação autoestima e dificuldades de aprendizagem no idoso: uma análise psicopedagógica
	Estresse e cognição: um estudo correlacional com idosos
	O acadêmico idoso da UFPB: o diálogo entre a memória e a tradição
Adolescência	Indisciplina entre adolescentes: uma verificação a partir da identificação grupal e da preferência musical
	Representação social de crianças e adolescentes com câncer sobre reinserção escolar
	Histórias de infante-juvenis vítimas de abuso sexual: uma compreensão à luz da Fenomenologia
	Medidas socioeducativas e ressocialização dos adolescentes em conflitos com a Lei: contribuições psicopedagógicas

Intervenção psicopedagógica	Diagnóstico e intervenção em crianças com perda auditiva: um enfoque psicopedagógico
	O lúdico como ferramenta de intervenção psicopedagógica na Educação Infantil: relato clínico
	Psicopedagogia hospitalar: vinculando a criança hospitalizada à aprendizagem
Família	Síndrome de alienação parental: fator precursor de dificuldades de aprendizagem
Assessoramento psicopedagógico	Assessoramento psicopedagógico institucional: contribuição para uma educação de qualidade
	Análise do cuidado com a sala de aula a partir de um olhar psicopedagógico
	O respeito à diversidade e a Psicopedagogia: a importância da prática psicopedagógica diante da homofobia
Leitura e escrita	Consciência fonológica e leitura: um estudo correlacional

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

O demonstrativo acima indica que os trabalhos de conclusão de curso do período **2013.1** foram agrupados nas categorias: idoso, adolescência, intervenção psicopedagógica, família, assessoria psicopedagógica, leitura e escrita.

Os temas contemplados nos TCC demonstram a ênfase dada durante a formação do psicopedagogo, o que fortalece a formação do profissional da Psicopedagogia. Nesse período, **15** alunos apresentaram seu TCC, com predominância na categoria adolescência, em que foram computados quatro trabalhos.

Segundo César (2008), os estudos sobre a adolescência se consolidaram nas três primeiras décadas do Século XX, com base na união de duas figuras: a figura social difusa do jovem e a figura biológica e psíquica construída a partir do discurso mé-

dico. Os temas que cercam a adolescência, como: indisciplina, doenças sexualmente transmissíveis e conflitos com a Lei fazem parte do universo do jovem. Nesse sentido, a Psicopedagogia é a responsável por estudar a adolescência e sua interface com a família, a escola e a sociedade.

Quadro 4: Trabalho de conclusão de curso por período, categoria e tema – Psicopedagogia – 2013.2

PERÍODO 2013.2	
CATEGORIA	TEMA
Ludicidade	Brincadeira é coisa séria: a influência do lúdico no desenvolvimento da criança na Educação Infantil
	Aprender brincando: contribuições da ludicidade e da psicomotricidade para o desenvolvimento da criança pequena
Psicomotricidade	Concepção dos Professores sobre Psicomotricidade: Uma Análise Psicopedagógica
	Relação da psicomotricidade com o processo de aprendizagem
Família	A contribuição da família no processo de Ensino-aprendizagem nas crianças com síndrome de Down
	Engajamento escolar e suporte familiar: uma análise a partir da Teoria da Autodeterminação
Comportamento	Analisando os comportamentos de cuidado do ambiente da sala de aula a partir dos padrões valorativos dos alunos
Aprendizagem	Formação de professores para a inclusão de alunos com deficiência: contribuições psicopedagógicas
	Interação professor/aluno: um estudo a partir da Psicopedagogia
Escola	Construção e validação de uma escala de satisfação com a vida escolar
	Uma análise das histórias em quadrinhos à luz da Teoria Funcionalista dos Valores Humanos

Gênero	Autoconceito de gênero em crianças da Educação Infantil
Intervenção psicopedagógica	A concepção de educadores do Ensino Fundamental acerca da atuação psicopedagógica
	Intervenção psicopedagógica: um olhar sistêmico
	Violência escolar e atuação psicopedagógica
	Intervenção psicopedagógica na leitura: estudo de caso no deficiente intelectual
	Motivação: estratégia psicopedagógica para o desenvolvimento da aprendizagem na perspectiva da autoria de pensamento
Idoso	O declínio cognitivo com ênfase na memória e suas repercussões na aprendizagem do idoso

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

O demonstrativo acima indica que os trabalhos de conclusão de curso do período **2013.2** foram agrupados nas categorias: ‘ludicidade’, ‘psicomotricidade’, ‘família’, ‘comportamento’, ‘aprendizagem’, ‘escola’, ‘gênero’, ‘intervenção psicopedagógica’ e ‘idoso’. Nesse período, houve uma diversidade de temas, inclusive com o surgimento da temática ‘gênero’, o que reflete a atualidade dessa temática na prática psicopedagógica. Evidenciamos, também, que apenas **18** alunos apresentaram seu TCC e que predominou a categoria ‘intervenção psicopedagógica’, com cinco trabalhos.

O trabalho clínico do psicopedagogo começa pelo diagnóstico (CHAMAT, 2008), em que haverá o primeiro contato com os dados do sujeito, da família e da escola. Depois, tomada a consciência de problemática que cerca o sujeito, inicia-se a intervenção – que consiste em tratar as dificuldades de aprendizagem que o sujeito apresenta. Vale salientar que, o papel do psicopedagogo

será o de orientar e de direcionar o processo, mas não será unicamente o responsável por eliminar os sintomas do sujeito (CHAMAT, 2008).

O número de trabalhos sobre essa temática reforça a importância dos subsídios que fundamentam a qualidade do trabalho psicopedagógico, principalmente no que diz respeito ao processo de intervenção psicopedagógica.

Quadro 5: Trabalho de conclusão de curso por período, categoria e tema – Psicopedagogia – 2014.1

PERÍODO 2014.1	
CATEGORIA	TEMA
Família	Análise da influência da relação familiar e sua repercussão no processo de aprendizagem
	A interface escola-família: reflexos na aprendizagem da criança pequena
	Família e Escola: uma parceria necessária ao desenvolvimento da criança autista
	Alienação parental no processo de aprendizagem: uma análise a partir da ótica docente
Educação Infantil	A sala de aula enquanto espaço de promoção da aprendizagem infantil
	Diretrizes curriculares da educação infantil: a criança como sujeito de direito
	A interface da Psicopedagogia frente à inclusão na educação infantil
Psicomotricidade	Atividades psicomotoras em crianças em processo de alfabetização: um estudo dentro das perspectivas psicopedagógicas
	Percepção dos professores acerca da psicomotricidade na educação infantil

Leitura e escrita	Dificuldade de leitura: análise de compreensão de docentes no Ensino Fundamental I
	Consciência fonológica em escolares com e sem queixa de atraso na leitura
	Consciência fonológica em adultos não alfabetizados
	As garatujas: uma visão psicopedagógica sobre a importância do rabisco no desenvolvimento da escrita
	Dificuldade no processo de letramento: análise de estudantes do 5º ano do ensino fundamental
	Avaliação psicopedagógica clínica e seus instrumentos frente à leitura e à escrita
	Estratégias de ensino para o desenvolvimento da aprendizagem de escolares com dislexia
	Disortografia: avaliação e intervenção no 5º ano do ensino fundamental de escolas municipais de Santa Rita
	Discalculia: uma reflexão psicopedagógica
Inclusão	A percepção dos professores acerca da educação inclusiva e das contribuições da Psicopedagogia institucional
	Adaptação curricular para a inclusão do aluno com deficiência: contribuições da Psicopedagogia
	Atuação psicopedagógica junto a crianças com deficiência mental: o AEE como possibilidade de inclusão
	A inclusão escolar na visão dos docentes do 1º ciclo do ensino fundamental
	Identidade negra e a (des)construção de estigmas
	Percepção de pedagogos em formação acerca do processo de inclusão do infante autista na escola regular
Intervenção psicopedagógica	A escolha profissional na adolescência: contribuição psicopedagógica
	Concepção de professores de ensino fundamental sobre problemas educacionais: como a Psicopedagogia pode atuar?"
	O psicopedagogo e suas contribuições de aprendizagem: uma análise a uma intervenção psicopedagógica dentro das organizações
	A atuação psicopedagógica frente à situação de risco social de crianças e adolescentes na escola
Comportamento	Anjos em fúria: transtorno de conduta e delinquência juvenil

Escola	Os melhores lugares da minha escola são... Um estudo sobre o apego ao ambiente escolar
Ludicidade	A arte como elemento facilitador na construção da aprendizagem
	A música como instrumento de intervenção psicopedagógica: da apreciação à construção do conhecimento
	Psicopedagogia e Arteterapia: uma dupla que promete
	Atividade lúdica como intervenção psicopedagógica na Equoterapia
Aprendizagem	Criatividade – uma análise do desenho infantil: contribuições para a aprendizagem
	O uso didático-pedagógico de recursos tecnológicos da informática: instrumento facilitador no processo de aprendizagem
	Percepção de professores sobre o TDAH nos prejuízos de crianças no processo de alfabetização
	A inserção da comunicação ampliada e alternativa entre cuidador e aluno com paralisia cerebral
	Análise psicopedagógica da proposta educacional “Aprendizagem para todos” do Grupo Banco Mundial
	Estratégias de aprendizagem e ansiedade nos alunos do ensino médio em Bayeux-PB
	Estresse infantil e rendimento escolar: análise em estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental
	A relação professor aluno como contribuição na aprendizagem do Ensino Superior
	Indisciplina escolar no ensino fundamental I: dilemas e perspectivas

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Os dados apresentados demonstram que os trabalhos de conclusão de curso do período **2014.1** foram ampliados em relação ao número de categorias, assim distribuídas: ‘família’, ‘educação infantil’, ‘psicomotricidade’, ‘leitura e escrita’, ‘inclusão’, ‘intervenção psicopedagógica’, ‘comportamento’, ‘ambiente escolar’, ‘ludicidade’ e ‘ensino-aprendizagem’. Essas temáticas abrem um espaço considerável para a formação e a atuação do psicopeda-

gogo. Isso significa que o número de TCC aumentou, já que 43 alunos apresentaram seu trabalho de conclusão de curso, com predominância das categorias 'leitura e escrita' e 'ensino-aprendizagem', o que demonstra a demanda de atuação da Psicopedagogia na área educacional. Convém compreender o número considerável de trabalhos que envolvem duas demandas bem específicas do trabalho psicopedagógico: o processo de ensino-aprendizagem e ensino-leitura.

No contexto histórico, a Psicopedagogia foi reconhecida, primeiramente, por causa de sua prática clínica. Na atualidade, cresceu consideravelmente a ação do psicopedagogo nas escolas, onde atuam prontamente no trabalho preventivo e no assessoramento a professores e à comunidade escolar. Então, compreendemos a intensificação de trabalhos que abordam sobre a grande preocupação da instituição escolar - a aprendizagem.

A aprendizagem é um processo, uma função, que vai além da aprendizagem escolar (PORTO, 2011). Quando falamos em aprendizagem, não podemos entender esse processo como algo simples, pois envolve, simultaneamente, a inteligência, os desejos, o afeto, a cognição e as necessidades do sujeito. É um modo particular e único do sujeito de aprender (PORTO, 2011). Portanto, o processo de aprendizagem vai além do ambiente escolar, pois está presente no dia a dia, em todos os momentos, por meio das atividades vivenciadas pelo sujeito que aprende.

Aprender a ler e a escrever é um dos principais objetivos da educação, entretanto, para atingi-lo, não é uma tarefa fácil. Segundo Zorzi (2005), o aprendizado da leitura e da escrita é subordinado a diversas condições e não depende somente da criança, mas de condições culturais específicas, como um ambiente letrado, a interação da criança com textos escritos, com pessoas que leem e escrevem, que são situações que propiciam a descoberta e a compreensão da linguagem escrita.

As dificuldades de aprendizagem relacionadas à leitura e à escrita têm sido um dos grandes desafios da aprendizagem escolar. É comum responsabilizarmos só a criança no processo de aprendizagem da leitura e da escrita, muitas vezes atribuindo algum tipo de desordem cognitiva, distúrbios emocionais, pobreza, estrutura familiar, entre outros, como responsáveis pelo não aprendizado. Entretanto, a escola deve dirigir um olhar mais abrangente a respeito das causas que conduzem ao não aprendizado da leitura e da escrita, incluindo problemas de origem metodológica, como um dos causadores das dificuldades de aprendizagem (ZORZI, 2005).

É importante compreender que os elementos que causam dificuldades de leitura e de escrita nos conduzem a repensar a prática pedagógica, que não envolve só os alunos, mas também os professores, os coordenadores e os diretores, ou seja, toda a comunidade escolar.

Quadro 5: Trabalho de conclusão de curso por período, categoria e tema – Psicopedagogia –2014.2

PERÍODO 2014.2	
CATEGORIA	TEMA
TDAH	Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: o que os professores universitários sabem sobre isso?
	Estratégias de estudo e sintomatologia do TDAH: um estudo com universitários
	A criança com TDAH e a dificuldade em leitura e escrita – estudo de caso sobre a intervenção psicopedagógica
	Um estudo de caso a partir da intervenção psicopedagógica: utilizando estratégias lúdicas com TDAH
	Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: o que os professores universitários sabem sobre isso?
Ludicidade	A criança pequena e os espaços de brincar: contribuições da Psicomotricidade.
	A contribuição do lúdico para o desenvolvimento cognitivo Dawn na perspectiva de profissionais atuantes
	Percepção social dos adolescentes sobre a família recasada: uma análise psicopedagógica
Família	Compreensão textual: análise do desempenho de pais e filhos
	Alienação parental e ajustamento escolar: um estudo correlacional
	Família e dificuldade de aprendizagem: uma leitura psicopedagógica
	O resgate da participação familiar na escola
Leitura e escrita	A relação do conhecimento prévio com a compreensão leitora mediante um olhar psicopedagógico
	Fluência leitora e compreensão textual: um estudo correlacional a partir da Psicopedagogia
Idoso	Relação estresse e qualidade de vida na terceira idade: um estudo psicopedagógico
	Análise da percepção de inclusão dos idosos no ensino de jovens e adultos - EJA

Aprendizagem	Aprendizagem na percepção dos professores do ensino fundamental
	O papel da motivação na prática docente
Escola	Compreensão literal e inferencial dos alunos do 3º ano do ensino fundamental numa abordagem psicopedagógica
	A sala de aula enquanto espaço de promoção da aprendizagem infantil
	Vandalismo escolar e valores humanos: um estudo baseado na teoria funcionalista
	Evasão escolar, atuação dos conselhos tutelares e o trabalho psicopedagógico
Intervenção psicopedagógica	Criatividade através da representação poética: uma abordagem psicopedagógica

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Os dados expostos demonstram que os trabalhos de conclusão de curso do período **2014.2** estão distribuídos nas categorias: ‘TDAH’, ‘ludicidade’, ‘família’, ‘leitura e escrita’, ‘idoso’, ‘aprendizagem’, ‘escola’ e ‘intervenção psicopedagógica’. Os temas trabalhados reforçam a identidade do psicopedagogo e ampliam a formação e a atuação desse profissional. O estudo mostrou que **23** alunos apresentaram seu trabalho de conclusão de curso e que predominaram as categorias ‘TDAH’ e ‘Família’, cada uma com cinco TCC.

O tema TDAH não é novo, pois, desde o “início do Século XX, era visto como um problema ligado à forma como as crianças voluntariamente aprendiam a inibir seu comportamento e a aderir a regras de conduta social [...]” (AYRES; MOREIRA, 2005, p. 106). Na década de 1970, o conceito foi reformulado, quando se

percebeu que o déficit, no controle dos impulsos e na persistência da atenção, era problemático. Em decorrência das novas investigações, a partir da década de 1980, recebeu o nome de transtorno de déficit de atenção, com a presença ou não de hiperatividade.

O estudo desse transtorno, que tem sido um dos mais presentes nas queixas escolares e no atendimento psicopedagógico, requer do psicopedagogo um profundo conhecimento sobre o assunto. Tal preocupação ocorre devido aos impactos que acarreta na vida de crianças, de adolescentes e das pessoas que pertencem ao seu ciclo de contato - familiares, amigos e professores.

Mais uma vez, temos a categoria 'família' como uma constante nos estudos. Tal fato se deve às questões educativas que envolvem a família, que desempenha um importante papel no desenvolvimento da aprendizagem do seu filho, e à escola. De acordo com Munhoz (2005, p. 181), "as famílias podem ser facilitadoras ou inibidoras desse processo [...]". Portanto, compreender essa relação no trabalho psicopedagógico é de suma importância para entendermos o desenvolvimento e a formação do sujeito que aprende.

Quadro 6: Trabalho de conclusão de curso por período, categoria e tema – Psicopedagogia – 2015.1

PERÍODO 2015.1	
CATEGORIA	TEMA
TDAH	A Psicopedagogia como forma de intervenção em crianças com TDAH: um olhar docente
	TDAH em crianças do ensino fundamental: o conhecimento dos professores acerca desse transtorno

PSICOPEDAGOGIA: memória de sua formação na UFPB

Síndromes	A contribuição do Método TEACCH para o atendimento psicopedagógico
	A intervenção psicopedagógica: um estudo de caso de uma criança com espectro autista
	As contribuições das ações psicopedagógicas em uma criança com características espectro autista: estudo de caso
Ludicidade	Ludicidade no processo de aprendizagem: relato de professores sobre a prática lúdica em sala de aula
	O lúdico da educação infantil e sua relevância para a alfabetização: uma abordagem psicopedagógica
	A contribuição dos jogos na atuação psicopedagógica em clínica infantil
	Assessoramento psicopedagógico: o lúdico na educação infantil
	Atuação psicopedagógica institucional numa perspectiva lúdica
	Desenho infantil: pintando o sete e o oito para vencer as dificuldades
	A música como estímulo das habilidades básicas da aprendizagem infantil
Família	O resgate da participação familiar na escola

Leitura e escrita	Desempenho da consciência fonológica de aprendizes de segunda língua, bilíngues e monolíngues
	Leitura em voz alta versus leitura silenciosa: análise de compreensão textual em crianças
	Método de alfabetização e compreensão textual: análise das possíveis inter-relações
	Dificuldade de leitura
	Reconhecimento de palavras e rendimento escolar: uma avaliação psicopedagógica em escolares do 5º ano
	A importância dos métodos de alfabetização para a formação psicopedagógica
	Intervenção psicopedagógica na dificuldade de aprendizagem na escrita
	Oficina de leitura como intervenção psicopedagógica
	Avaliação psicopedagógica: estudo clínico em competência lectoescrita no adulto
Aprendizagem	A representação social de educadores frente às crianças com situação de vulnerabilidade social
	Audiodescrição: um recurso facilitador para a aprendizagem da pessoa com deficiência visual no ensino superior
	O recurso visual como instrumento facilitador na contação de história para surdos
	A epilepsia e seus possíveis comprometimentos na aprendizagem
	Psicopedagogia e aprendizagem: a importância da afetividade como elemento facilitador entre ensinantes e aprendentes
Intervenção psicopedagógica	Contribuições psicopedagógicas acerca do implante coclear
	Avaliação psicopedagógica e suas contribuições na hipótese-diagnóstica de deficiência intelectual
	Psicopedagogia no estado da Paraíba: uma análise histórica processual e possíveis contribuições

Escola	Treino em reconhecimento de expressões faciais das emoções em crianças do 1º ano do ensino fundamental
	Engajamento escolar e valores humanos: um estudo correlacional
	Juventude, escola e processos de aprendizagem
	Psicomotricidade: uma perspectiva psicopedagógica no desenvolvimento de crianças pequenas na escola

Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com o quadro exposto, percebemos que os trabalhos de conclusão de curso do período **2015.1** estão distribuídos nas categorias TDAH, síndromes, ludicidade, família, leitura e escrita, aprendizagem, intervenção psicopedagógica e escola. As temáticas discutidas no TCC tratam da formação e da atuação do psicopedagogo, atendendo às diretrizes do PCC do Curso de Psicopedagogia. Trinta e quatro alunos apresentaram seu trabalho de conclusão, tendo como predominância a categoria leitura e escrita.

Constatamos, mais uma vez, a predominância da categoria leitura e escrita. Isso se deve à complexidade que envolve esses dois processos. O ato de ler ultrapassa a simples pronúncia correta das palavras, porquanto envolve a compreensão do texto, o seu significado (ZORZI, 2005). Escrever também não significa simplesmente codificar, transformar a fala em escrita, mas também conceituar e representar as ideias e os sentimentos com o uso de símbolos (ZORZI, 2005).

Portanto, ler e escrever não significa codificar e decodificar símbolos e signos. Por isso o psicopedagogo deve se envolver

com esse processo, com o fim de compreender os elementos que fazem parte dessas habilidades.

Quadro 7 Trabalho de conclusão de curso por período, categoria e tema – Psicopedagogia – 2015.2

PERÍODO 2015.2	
CATEGORIA	TEMA
Afetividade	A afetividade na relação professor-aluno e suas implicações na aprendizagem no Curso de Psicopedagogia
	Afetividade e aprendizagem na percepção dos docentes do ensino fundamental I
	O olhar do professor acerca dos valores humanos no ambiente escolar
	Afetividade na percepção de docentes do Centro de Referência da Educação Infantil
	O apego ao ambiente escolar a partir de uma análise qualitativa
	Prova: temer ou enfrentar, eis a questão: estudo da percepção do aluno frente à avaliação
	Teste de atribuição das emoções em situação de bullying: evidências psicométricas
Ludicidade	A contribuição do lúdico no processo de ensino e aprendizagem: uma visão psicopedagógica
	Ludicidade no processo de aprendizagem: uma análise sobre a visão dos educadores infantis
	A música como instrumento de ensino- aprendizagem na educação infantil
	O brincar e o aprender: um olhar psicopedagógico do processo de aprendizagem infantil
	Jogos de mesa na terceira idade e sua importância para a aprendizagem: um olhar psicopedagógico
	Jogos eletrônicos: contribuições para o processo de desenvolvimento da aprendizagem
	O brincar com prática inclusiva da criança com deficiência no contexto escolar

Idoso	Psicomotricidade no idoso: buscando qualidade de vida na terceira idade através do lúdico
	Qualidade de vida e memórias: um estudo na terceira idade
	Declínio da capacidade atencional no idoso: uma investigação psicopedagógica
	Declínio de memória em idosos ativos: uma experiência avaliativa psicopedagógica
Comportamento	Agressividade infanto-juvenil no espaço escolar: construção e validação de uma escala
	Um olhar psicopedagógico frente à ansiedade infantil
	Ansiedade e desempenho escolar em crianças do ensino fundamental
Inclusão	Educação inclusiva e formação continuada de professores: inquietações e busca de sua viabilização
	A interface entre o psicopedagogo e o auxiliar de inclusão: promovendo a equidade na escola
	Educação inclusiva e formação continuada de professores: inquietações e busca de sua viabilização
Síndromes	A escolarização da criança autista
	Autismo: formação de professores para a inclusão de autistas no ensino fundamental
	Adaptação curricular para autistas no ensino fundamental I: um enfoque na legislação educacional
	Estimulação precoce e o desenvolvimento de pessoas com síndrome de Down
TDAH	Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade: percepção de docentes acerca das contribuições da Psicopedagogia
Intervenção psicopedagógica	A contribuição da Psicopedagogia na educação de jovens: um estudo de caso
Adolescência	A influência do uso excessivo da tecnologia no desenvolvimento dos adolescentes
	Adolescentes acolhidos institucionalmente: desafios para a Psicopedagogia

Educação infantil	A educação infantil como um campo de atuação do psicopedagogo: a rotina do berçário e seus desdobramentos
	O olhar do professor sobre o desenho da criança pequena
Aprendizagem	Aprendizagem através dos recursos didáticos tecnológicos: percepção de alunos do ensino público e particular
	Programa de intervenção em consciência fonológica: análise em crianças do ensino fundamental
	O processo de alfabetização e as dificuldades de leitura e escrita: um olhar psicopedagógico
	Estudos das relações entre estratégias de estudo e rendimento escolar
Família	Família vs. Escola e a dificuldade de aprendizagem do aluno

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Os dados analisados demonstram que os trabalhos de conclusão de curso do período **2015.2** enfocaram as categorias: ‘afetividade’, ‘ludicidade’, ‘idoso’, ‘comportamento’, ‘inclusão’, ‘síndromes’, ‘TDAH’, ‘intervenção psicopedagógica’, ‘adolescência’, ‘educação infantil’, ‘aprendizagem e família’. As temáticas abordadas nos trabalhos de conclusão reforçam o campo de atuação do psicopedagogo e enfatizam conteúdos que permeiam todo o curso. Um número significativo de alunos -39- apresentou seu trabalho de conclusão de curso, nos quais predominaram as categorias ‘afetividade’ e ‘lúdico’, ambas com sete TCC.

Na atualidade, a dimensão afetiva tem predominado na construção do sujeito. De acordo com Fernandez (1991), o afeto é indispensável na prática de ensinar, pois as relações de ensino e

aprendizagem são movidas pelas condições afetivas que facilitam ou dificultam a aprendizagem. Para Wallon (1968), a emoção é o primeiro e mais forte vínculo entre os sujeitos. Em relação à afetividade, Wallon (1968) tem uma concepção mais ampla, pois associa os sentimentos (ordem psicológica) e as emoções (ordem biológica).

Em relação à temática 'ludicidade', é importante enfatizar que o brincar sempre esteve presente na vida humana e é sobremaneira importante para o desenvolvimento psicológico, social, emocional e cognitivo das crianças, além de proporcionar ao professor uma ferramenta riquíssima no processo de aprendizagem, favorecer a assimilação de conteúdos e desenvolver as potencialidades do educando.

Segundo Almeida (1994), o lúdico, como recurso pedagógico, deve ser encarado de forma séria e usado de maneira correta, pois o sentido real, verdadeiro, funcional da educação lúdica estará garantido se o educador estiver preparado para realizá-lo. No trabalho psicopedagógico, a ludicidade toma a forma de interação e socialização e proporciona a troca de conhecimentos de modo espontâneo e prazeroso. O uso de brincadeiras nas intervenções psicopedagógicas promove um rendimento favorável ao desenvolvimento desse processo.

Quadro 8: Trabalho de conclusão de curso por período, categoria e tema – Psicopedagogia – 2016.1

PERÍODO 2016.1	
CATEGORIA	TEMA
Leitura e escrita	A leitura e seus métodos de ensino
	Déficits no processo de escrita: uma contribuição psicopedagógica
	Trabalhando dificuldades de leitura e escrita através do lúdico: uma visão psicopedagógica
Educação infantil	A construção da autonomia infantil na percepção de professores dos CREIS: um olhar psicopedagógico
Ludicidade	As contribuições da ludicidade no processo de diagnóstico psicopedagógico clínico
	O olhar da criança pequena sobre o brincar
	O lúdico na Psicopedagogia: brinquedos e brincadeiras como fator do desenvolvimento infantil
	O brincar como proposta educativa no contexto infantil: diálogos com a aprendizagem significativa
Síndromes	Autismo e afetividade: implicações da dinâmica familiar na socialização da criança autista
	O lúdico como caminho facilitador para a leitura de crianças autistas
	Avaliação da criança autista na perspectiva psicopedagógica
	Desenvolvimento psicomotor de crianças autistas praticantes de capoeira: uma inclusão social possível
	O escotismo como ferramenta para o desenvolvimento social de crianças com síndrome de Down

Intervenção psicopedagógica	Intervenção psicopedagógica no transtorno de déficit de atenção e hiperatividade
	A atuação psicopedagógica no transtorno de déficit de atenção e hiperatividade: um estudo de caso
	Avaliação psicopedagógica em pacientes com paralisia cerebral: contribuições à prática
	Intervenção psicopedagógica e dislexia: um relato clínico
	Intervenção psicopedagógica em crianças disléxicas
Assessoramento psicopedagógico	Psicopedagogia e assessoramento: análise de uma experiência institucional escolar
	Assessoramento psicopedagógico: um estudo acerca das contribuições para a educação infantil
	O assessoramento psicopedagógico como redutor das dificuldades da leitura e da escrita
Aprendizagem	Revisão de literatura das produções científicas sobre timidez e aprendizagem no contexto brasileiro
	Dificuldades de aprendizagem e comportamentos disruptivos: estudo em ambiente escolar
	Aprendizagem no senescente: preservação mnemônica e possibilidades psicopedagógicas
	Análise da memória de trabalho em crianças bilíngues e monolíngues
	Dificuldades de aprendizagem: causas e consequências: um estudo bibliográfico
	O tempo de cada um
Afetividade	A relação entre apego à escola e valores humanos
	Afetividade e processos de aprendizagem: uma perspectiva psicopedagógica institucional
Comportamento	Vandalismo na escola e atitudes frente à aprendizagem
Idoso	Estratégias psicopedagógicas para o desenvolvimento psicomotor na terceira idade
Família	A percepção das famílias indígenas sobre a escola das crianças

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Analisando a produção acadêmica dos trabalhos de conclusão de curso do período **2016.1**, aparecem as categorias: leitura e escrita, educação infantil, ludicidade, síndromes, intervenção psicopedagógica, assessoramento psicopedagógico, aprendizagem, afetividade, comportamento, idoso e família. As temáticas trabalhadas nesse período enfatizam a formação e a atuação do psicopedagogo. Fica evidenciado um número significativo de alunos -**32**- que apresentaram seu trabalho de conclusão de curso, com predominância da categoria intervenção psicopedagógica, perfazendo um total de cinco.

A intervenção Psicopedagogia aparece mais uma vez como uma temática recorrente nos estudos. Isso reflete a preocupação quanto ao bom andamento do processo de intervenção.

O campo de atuação da Psicopedagogia é a aprendizagem, e sua proposta de intervenção pode ser preventiva e/ou curativa, pois se dispõe a detectar os problemas de aprendizagem e “resolvê-los”, além de preveni-los (PORTO, 2011).

De posse do material mapeado, por período letivo, percebemos uma diversidade de temas pesquisados nos TCCs, porém as categorias que apareceram com mais frequência foram: aprendizagem, com **30** trabalhos; leitura e escrita, **26**; ludicidade, **25**; intervenção psicopedagógica, **22**; e família, com **18**.

Os dados demonstram a ênfase na categoria aprendizagem, o que demonstra o interesse dos psicopedagogos pelo ato de aprender e suas dificuldades. A aprendizagem é um processo fun-

damental, e todo sujeito aprende. Por meio desse aprendizado, desenvolve seu comportamento, o que possibilita sua sobrevivência (PORTO, 2011). Na concepção de Scoz (1994), é preciso entender os problemas de aprendizagem com uma visão multidimensional, que inter-relacione fatores orgânicos, cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos perceptíveis nas interações sociais.

A categoria 'leitura e escrita' figura na pesquisa como a segunda mais estudada. Em relação à categoria 'ludicidade', o lúdico se apresenta como ferramenta fundamental no trabalho psicopedagógico, principalmente quando se integra a brincadeira ao processo de intervenção. Winnicott (apud MALUF, 2005, p. 20) faz colocações fundamentais acerca do brincar e afirma que "as crianças têm prazer em todas as experiências de brincadeira física e emocional".

A categoria 'intervenção psicopedagógica' ocupa um lugar de destaque, pois retrata a ação do psicopedagogo tanto no ambiente clínico quanto no institucional. Existem duas tendências de ação, a de caráter clínico e a de caráter preventivo. A atuação clínica tem a finalidade de reintegrar o sujeito com problemas de aprendizagem no processo, principalmente em consultórios, com uma conotação mais individualizada. A atuação preventiva visa refletir e discutir sobre os projetos pedagógicos, os processos didáticos e metodológicos e a dinâmica institucional, visando melhorar os procedimentos em sala de aula, nas avaliações, no planejamento e oferecer assessoramento e orientações aos professores etc. (FAGALI; VALE, 1993).

A categoria 'família' foi a quinta mais investigada, o que demonstra a importância da família e sua interface com o trabalho psicopedagógico. O papel da família é fundamental para o desenvolvimento do indivíduo, sua adaptação e sua inserção na sociedade.

Antunes (2002, p. 17) assevera que

o clima de ternura e afetividade em famílias onde os pais verdadeiramente amam seus filhos cerca-os de permanente proteção que só na escola ensina a dobrar e a negociar. Mas a escola possui também uma finalidade profissional [...] e ensina através da solidariedade a importância e o sentido do trabalho [...] Toda a escola é um centro epistemológico por excelência.

Nessa relação entre família e escola, o psicopedagogo atua como mediador, na tentativa de estabelecer um espaço comum entre as partes. É comum encontrarmos um duelo entre a escola e a família, cada uma responsabilizando a outra pela aprendizagem da criança e se esquecem de que sua principal tarefa é de despertar no sujeito o desejo de aprender.

A CLÍNICA ESCOLA: A PSICOPEDAGOGIA E SUA FUNÇÃO SOCIAL

Na UFPB, as atividades de estágio clínico em Psicopedagogia iniciaram-se no dia 06 de dezembro de 2012, quando a turma pioneira exerceu sua prática psicopedagógica em um espaço improvisado que funcionava em uma sala pequena, localizada no corredor do Bloco do REUNI do CE/UFPB.

De acordo com a Professora Doutora Adriana de Andrade Gaião e Barbosa, coordenadora do estágio clínico, o início dessa atividade foi motivo de muito orgulho para todos os professores, mas preocupante, por causa da falta de uma estrutura apropriada para o atendimento. Foram quase quatro anos de “angústias”, segundo ela, de várias solicitações aos órgãos competentes por melhoria de espaço, uma vez que a demanda que lá chegava era bastante significativa, vinda de várias partes do município de João Pessoa e de cidades vizinhas e, sobretudo, encaminhamentos de diversos profissionais da saúde, escolas, pais e professores.

Entre as dificuldades enfrentadas, de acordo com Adriana, podemos citar: falta de estrutura adequada, de espaço físico, de material, de telefone, de secretária e de instrumentos psicopedagógicos, como testes, brinquedos e material de escritório (papel ofício, lápis, borracha, pastas, lápis de cor, massa de modelar, revistas, EVA, cartolinas etc.).

Quanto aos atendimentos, ocorriam de segunda à sexta-feira, nos horários da 07h às 18h, sem pausa para o almoço. A população atendida tinha uma faixa etária de cinco a 24 anos de idade e as mais diversas complexidades e diagnósticos: TEA, TDAH, dislexia, déficit de atenção, dificuldades de ler e de escrever, crianças em processos de alfabetização que apresentavam uma série de dificuldades, síndrome de Down, deficiência intelectual, crianças com implante coclear, dentre outros.

Essa prática demonstra a importância do espaço psicopedagógico clínico, porque o estágio é a oportunidade que o psicopedagogo em formação tem de vivenciar, sob orientação, as possibilidades de atendimento e o correto manuseio com as técnicas psicopedagógicas. É um componente de extrema importância na e para a formação do profissional, na visão da docente.

Para atender à comunidade, a princípio, não foram estabelecidos critérios, porque acreditamos que quem busca o atendimento o faz porque precisa e acredita no potencial do profissional dessa área. Assim, as pessoas que buscavam o atendimento preenchiam uma ficha cadastral com informações básicas sobre a demanda (motivo de buscar o atendimento psicopedagógico), faixa etária, escolaridade, possíveis encaminhamentos ou diagnóstico que já traziam e disponibilidade de horário para o atendimento, que era feito ordem de chegada, obedecendo à inscrição da lista de espera, e logo que a divisão por estagiários acontecia, imediatamente íamos chamando um a um e realizando os repasses necessários, outros encaminhamentos para profissionais da saúde e educação.

A demanda representava, em média, 70 atendimentos semanais, portanto, um total de 2.500 atendimentos por ano. Cada atendimento durava uma hora, nos três turnos, e as atividades só paravam em dias feriados e respeitando-se o calendário das atividades da universidade.

Quando perguntada sobre o futuro da clínica-escola, a professora destacou a busca pela boa qualidade e o profissionalismo das pessoas envolvidas, além da preocupação com a ética, a responsabilidade e a humildade no atendimento ao outro, principalmente os mais necessitados, que não têm condições de arcar com os custos de uma intervenção psicopedagógica. Ela entende que é preciso, ainda, buscar o aperfeiçoamento constantemente e mostrar o quanto profissional psicopedagogo é importante em uma equipe multidisciplinar.

NOVAS INSTALAÇÕES

A Clínica-escola do Curso de Graduação em Psicopedagogia da UFPB começou suas atividades formalmente no dia 29 de fevereiro de 2016, em solenidade que contou com a presença da Magnífica Reitora Margareth Diniz, com a finalidade de possibilitar ao futuro profissional desenvolver a capacidade de realizar intervenções psicopedagógicas, adotar uma escuta clínica que lhe possibilite utilizá-la no espaço clínico, atuar com postura ética, crítica e reflexiva em relação ao papel da Psicopedagogia e desenvolver, no futuro profissional, competências e habilidades, com o fim de prepará-lo para identificar, analisar e elaborar uma metodologia de diagnóstico, estratégias e de intervenção psicopedagógica, de forma individual ou em grupo, nas questões que envolvem o processo da aprendizagem humana. Antes disso, operava de forma não institucionalizada no bloco de aulas do curso, numa pequena sala.

A clínica proporciona um serviço pioneiro e é a primeira clínica psicopedagógica pública e gratuita nas capitais brasileiras. A instalação do serviço vem suprir uma deficiência do sistema educacional quanto ao acompanhamento das crianças com dificuldades e distúrbios de aprendizagem nos marcos da educação inclusiva. Antes dela, existiam apenas clínicas privadas (para quem pode pagar) e serviços oferecidos por dois órgãos públicos: o Centro de Referência Municipal para Inclusão da Pessoa com Deficiência da Prefeitura Municipal e a Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência (*FUNAD*), ambos da área de assistência social, com pequena capacidade de atendimento. Esse serviço de atendimento psicopedagógico desempenha tripla função: trata-se de um espaço de estágio (atividade de ensino), uma prática de extensão à comunidade e um campo para a pesquisa acadêmica.

A Clínica está instalada em um belo casarão no estilo Art Deco, na Avenida Getúlio Vargas, no Centro da cidade, onde funcionou a Fundação José Américo, que é ligada à universidade. A instalação do serviço em condições adequadas foi resultado da luta de docentes e estudantes do curso, por meio de muitas assembleias, encontros e reuniões. Inicialmente, as negociações eram feitas em torno da construção de um prédio no campus universitário. Todavia, a disponibilidade do prédio da antiga fundação no Centro da cidade, por parte da Reitora tornou-se receptiva devido à facilidade de acesso aos usuários e à visibilidade que o serviço alcançaria.

Tendo como foco de atuação os estudantes das redes públicas municipal e estadual, o acolhimento a essa comunidade evidencia-se na medida em que a promoção dos atendimentos ocorre, nas dimensões preventivas e corretoras, contemplando o sofrimento e a angústia pelos comprometimentos decorrentes dos insucessos. Um espaço de trocas e de cuidados, no exercício da escuta e do olhar atentos, de instrução, orientação e supervisão: assim se configura a dinâmica na Clínica-escola. Nas múltiplas relações aí estabelecidas, desde o corpo clínico, que envolve o docente e o estagiário, ao administrativo, todos os atores estão comprometidos efetivamente com uma prática colaborativa e integradora, a fim de que a essência do cuidar compartilhado seja alcançada, como premissa básica da Psicopedagogia, e contemple também a família, que chega a esse espaço com muitas dúvidas e inquietações.

Portanto, a instituição da Clínica-escola preocupa-se em manter um atendimento sistêmico, qualitativo e processual, por entender que as demandas são variadas e exigem de todos os sujeitos envolvidos no processo de acompanhamento psicopedagógico disponibilidade de tempo, motivação e afeto. A técnica não fluirá sem os componentes subjetivos concernentes à aprendizagem e seu resgate, porquanto os aprendentes chegam à clínica com históricos de baixa autoestima, desinteresse pelos objetos ligados ao conhecimento e poderão ter total aversão à educação formal.

Em sua estrutura funcional, temos:

- ↔ Coordenador da Clínica-escola;
- ↔ Coordenador de estágios;
- ↔ Supervisor;
- ↔ Professor orientador;
- ↔ Estagiário;
- ↔ Auxiliares administrativos.

Os estagiários devem estar implicados, teórica e afetivamente, com cada aprendente recebido, vendo e revendo os pressupostos, supervisionando e ressignificando sua práxis, por meio da contextualização do histórico do aluno, e revestindo-se de empatia por ele e sua família.

Objetivando assegurar esse processo, a Clínica-Escola apresenta, em seu regimento, estas atribuições do aluno estagiário:

- I. Possibilitar ao estagiário a vivência prática em situações reais de trabalho, observado o caráter pré-profissional do Estágio e as orientações acadêmicas formuladas pelo Curso;
- II. Capacitar o estagiário para o desempenho efetivo de sua profissão na prática psicopedagógica, auxiliando-o na tomada de decisões e na aplicação de conceitos clínicos e terapêuticos;
- III. Estimular o estagiário a desenvolver maturidade profissional e a assumir uma postura ético-profissional;

- IV. Proporcionar a formação integral e profissional do estagiário, através da aprendizagem técnica, humana e social;
- V. Estabelecer a comunicação entre a universidade e a comunidade, adotando o Estágio como um dos instrumentos de revisão do currículo e de disseminação de tecnologias, experiências e estudos no âmbito da Psicopedagogia;
- VI. Conduzir o estagiário, de modo fundamentado, a observar, descrever e interpretar fenômenos próprios do seu universo profissional;
- VII. Desenvolver a interdisciplinaridade e a relação interpessoal.

CABE AO PROFESSOR ORIENTADOR:

Facilitar e mediar a aprendizagem, com base teórica, subsidiada por sua prática reflexiva, clínica e docente, acrescida de habilidades de relacionamento interpessoal para coordenar grupos de discussão, dirimir dúvidas individuais e coletivas e avaliar o processo de ensino-aprendizagem e a si mesmo.

CABE AO SUPERVISOR:

- I. Acompanhar o processo da prática psicopedagógica, observar o compromisso profissional assumido e fazer intervenções quando necessário;

- II. Orientar o estagiário quanto ao desenvolvimento das atividades e ao processo de avaliação, focando o direcionamento das atividades em vista dos objetivos propostos;
- III. Elaborar relatórios mensais de avaliação qualitativa para que possam ser destacados aspectos positivos e eventuais distorções com o propósito de corrigi-las para que haja o aprimoramento contínuo da qualidade das ações profissionais;
- IV. Orientar o registro das atividades e as dúvidas apresentadas pelos estagiários durante a prática profissional;
- V. Avaliar o desempenho do estagiário, considerando a frequência, a participação nas atividades da CAPpCE, a relação interpessoal, o desenvolvimento de propostas de intervenção e os critérios orientados pelo professor da disciplina (ANEXO II e III);
- VI. Acompanhar o cumprimento do número de horas previstas para a realização do Estágio Supervisionado;
- VII. Permanecer no CAPpCE até o momento em que ainda houver paciente em atendimento com o estagiário;
- VIII. Assinar, datar e carimbar o relatório de frequência do estagiário.

CABE AO COORDENADOR DE ESTÁGIOS:

- I. Seguir as disposições do Estatuto e do Regimento Geral da UFPB;

- II. Cumprir o que estabelece a Lei 11.788, a Resolução 16/2015, as Diretrizes Gerais do Estágio Supervisionado em Psicopedagogia e o presente Regimento;
- III. Conhecer a filosofia e as normas das Instituições que se constituem campo de estágio;
- IV. Estabelecer contato com os dirigentes das Instituições indicadas pelos professores para a realização de estágios, a fim de fomentar a formalização de convênio;
- V. Representar o Curso de Psicopedagogias Instituições - campo de estágio;
- VI. Realizar reuniões periódicas com os professores orientadores e supervisores para discutir e avaliar o estágio e buscar soluções para as dificuldades existentes;
- VII. Acompanhar o desenvolvimento dos estágios e auxiliar a resolver problemas, sempre que solicitado pelos professores orientadores e supervisores;
- VIII. Apresentar relatório semestral à Coordenação do Curso de Psicopedagogia sobre o desenvolvimento dos estágios.

O/a coordenador/a da Clínica-escola será indicado pelo Colegiado de Curso de Graduação em Psicopedagogia/UFPB para um mandato de dois anos, que poderá ser renovado por mais dois. O cargo de coordenador/a da Clínica-escola será ocupado por docente lotado no Departamento de Psicopedagogia / UFPB, tendo como atribuições:

- I. Seguir as disposições do Estatuto e do Regimento Geral da UFPB;
- II. Cumprir o que estabelece a Lei 11.788, a Resolução 16/2015, as Diretrizes Gerais do Estágio Supervisionado em Psicopedagogia e o presente Regimento;
- III. Administrar e supervisionar a CAPpCE de acordo com este Regimento;
- IV. Assumir a responsabilidade imediata pelo funcionamento da Clínica-escola, pela infraestrutura, pelos equipamentos, pelos supervisores e pelos funcionários, que se devem reportar ao chefe de Departamento em maior instância;
- V. Articular-se com os professores orientadores e supervisores de estágio, orientando-os quanto aos procedimentos administrativos e às normas do CAPpCE;
- VI. Promover, juntamente com a Coordenação de estágio, eventos que visem integrar as instituições conveniadas na Universidade e divulgar resultados de estudos e atividades;
- VII. Participar de reuniões propostas pela Coordenação de estágio;
- VIII. Assinar a correspondência da Clínica-escola;
- IX. Representar a Clínica-escola quando for necessário;
- X. Convocar reuniões da Clínica-escola e presidi-las;

- XI. Orientar e supervisionar o pessoal técnico e administrativo;
- XII. Coordenar e organizar o processo de triagem da clínica;
- XIII. Orientar encaminhamentos internos e externos de pacientes;
- XIV. Apresentar relatório das atividades desenvolvidas pelo CAPpCE à Coordenação de estágio, bem como prestar as informações que lhe forem solicitadas;
- XV. Articular-se com o coordenador de estágio sobre instituições conveniadas, celebração ou cancelamento de convênios;
- XVI. Levar ao conhecimento da Chefia de Departamento a necessidade de contratar ou dispensar pessoal técnico e administrativo da Clínica-escola;
- XVII. Elaborar e submeter o calendário anual e o cronograma das atividades da Clínica-escola à Chefia de Departamento;
- XVIII. Tratar dos aspectos disciplinares que envolvem a dinâmica de funcionamento da Clínica-escola;
- XIX. Encaminhar para a Coordenação do Curso casos que envolvam questões disciplinares dos estagiários para as devidas providências;

XX. Solicitar à Coordenação do Curso equipamentos e materiais necessários para o pleno funcionamento da Clínica-escola;

XXI. Coordenar as atividades de atualização científica do CAPpCE.

As pessoas em atendimento serão submetidas a uma triagem e conduzidas aos atendimentos especializados, de acordo com a demanda.

I. A triagem será realizada de acordo com a inscrição por livre demanda, menos os casos que interessarem, de modo especial, ao desenvolvimento acadêmico e com autorização compartilhada do professor orientador e supervisor.

II. A inscrição é feita na Clínica-escola de Psicopedagogia da Universidade pessoalmente. A recepção deverá agendar a triagem, cujos dados, analisados pelo estagiário e pelo professor supervisor, guiarão a condução do caso para atendimentos especializados.

III. Será dada prioridade de atendimento aos casos graves de quaisquer patologias, cujo prognóstico depende absolutamente do tempo de início de tratamento.

A avaliação do estagiário compreenderá aspectos qualitativos e quantitativos e será realizada pelo professor orientador, de forma sistemática e contínua, com base na análise nos seguintes aspectos:

- I. Domínio do conteúdo científico e direcionamento clínico-terapêutico;
 - a. Conhecimento construído no curso;
 - b. Conhecimento desenvolvido na realização do Estágio;
 - c. Conhecimento demonstrado nos planejamentos, nos relatórios, nas avaliações, nas discussões de casos, no uso de vocabulário adequado e nos registros diários de observação.
- II. Habilidade prática na execução das técnicas;
- III. Atitude profissional (comportamento moral e ético);
- IV. Frequência e pontualidade (nas discussões de casos, nos atendimentos e na entrega de materiais solicitados, como relatórios, pareceres, dentre outros);
- V. Criatividade, flexibilidade e dedicação;
- VI. Capacidade de síntese e análise crítica (relatório final).

Será considerado aprovado o aluno que obtiver, no mínimo, média 7,0 (sete) e integralizar 75% da carga horária total do estágio. Com essas normativas, fica a Clínica-escola devidamente legitimada a prestar um serviço de boa qualidade à sociedade e a assegurar aos seus estagiários uma observação técnica com bastante acuidade profissional e zelo pelo sujeito aprendente, objeto primeiro de todos os pressupostos que circundam essa instituição acadêmica.

De acordo com a Professora Doutora Márcia Paiva de Oliveira, primeira coordenadora da Clínica-escola designada pelo Colegiado do Curso de Psicopedagogia, foram muitos os desafios

iniciais para que ela funcionasse. Dentre eles, a extensa demanda de atendimentos, o que ocasiona uma necessidade de ampliar o quadro de estagiários, pois há dezenas de crianças e adolescentes na lista de espera. Isso demonstra uma crescente demanda de atendimento psicopedagógico, o que gera uma procura que é desproporcional à capacidade de atendimento do serviço. Para tanto, a Coordenação da clínica tem alternativas para suprir tais necessidades, como a incorporação de grupos de extensão e pesquisa, que desenvolvem ações em seu espaço físico, e o atendimento no projeto de extensão sobre síndrome de Down.

Em relação à importância da clínica para a formação do psicopedagogo, a professora enfatiza o “saber fazer” como uma forma de colocar em prática o que viram na teoria e destaca a formação global do psicopedagogo, tanto no aspecto clínico quanto no institucional.

Atualmente, os critérios de atendimento seguem a ordem de inscrição, com ressalva aos casos que interessarem, de modo especial, ao desenvolvimento acadêmico e com autorização compartilhada do professor-orientador e supervisor, além das demandas apresentadas por órgãos públicos, como o Ministério Público. As principais demandas de atendimento na clínica-escola são aprendentes que apresentam sintomas e laudos que indicam transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, síndrome de Down, autismo, dislexia, entre outros.

Entre os desafios para o futuro da Clínica-escola, a Professora Márcia cita a ampliação do número de atendimentos e sua instalação no campus da UFPB, com o fim de oferecer aos usuários um amplo atendimento nas diversas especialidades dos cursos ofertados, pois, na universidade, há outros serviços, seja no Hospital Universitário, seja em clínicas como a de Fisioterapia, que demandam intervenção interdisciplinar e exigente atendimento psicopedagógico, para que os usuários tenham acesso a esses serviços de forma integrada.

CAPÍTULO 4

PERSPECTIVAS DA GRADUAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA NA UFPB

No ano de 2019, o Curso de Graduação em Psicopedagogia da UFPB completará dez anos. Além das merecidas comemorações, haverá um profundo balanço de seu funcionamento e da formação que oferece aos seus ingressantes. Será uma década em que terão sido formados profissionais para o mercado de trabalho e em que o curso, ao longo do tempo, terá passado por processos de reflexão sobre sua práxis, incluindo duas reformas curriculares – uma, em 2010, e outra, entre 2017 e 2018. O curso também passou por mudanças (normais e cotidianas) em sua equipe docente, na infraestrutura e nos serviços que oferece aos futuros psicopedagogos.

A REFORMA CURRICULAR

Como enfatizado no parágrafo anterior, o curso está concluindo um processo de reestruturação do seu Projeto Político de Curso – PPC – e vem atingindo seus fundamentos e cumprindo sua matriz curricular. Como foi elaborada a nova matriz curricu-

lar? Quais as inovações que traz para formar os graduandos em Psicopedagogia da UFPB?

Os debates sobre o novo PPC do curso se iniciaram em 2015, por meio do Núcleo Docente Estruturante – NDE. De acordo com os regimentos da UFPB e a resolução do Colegiado de Curso, o NDE é o órgão consultivo de coordenação didática integrante da Administração Superior, responsável pela concepção do Projeto Pedagógico do Curso de Psicopedagogia, e sua finalidade é de elaborar, implantar, implementar, atualizar, complementar e avaliar a política de ensino, pesquisa e extensão e acompanhar sua execução, ressalvada a competência dos Conselhos Superiores, com caráter deliberativo e normativo em sua esfera de decisão.

O NDE de Psicopedagogia **é responsável por** reelaborar e atualizar periodicamente o Projeto Pedagógico do curso, definir sua concepção e seus fundamentos e conduzir os trabalhos de reestruturação curricular, para serem aprovados no Colegiado de Curso, sempre que necessário. O núcleo é composto de sete docentes, um coordenador do curso e profissionais das diferentes áreas do conhecimento com Mestrado e Doutorado.

Diversas reuniões foram realizadas pelo NDE com os estudantes e com a equipe de professores, sempre com o apoio da equipe da Pró-Reitoria de Graduação – PRG, que supervisionou o processo. Em dezembro de 2017, a minuta do novo PPC foi concluída para a última revisão da Pró-Reitoria e reenviada para o curso, a fim de fechar o texto pelo núcleo e tramitar a proposta nas instâncias da universidade a partir do Colegiado de Curso.

Trataremos, agora, das questões essenciais da nova estrutura curricular, com base na última versão disponível, cujas mudanças consistiram em:

a) Formar um bacharel em Psicopedagogia integral, pois, no PPC em vigor, o curso contempla a formação profissional em duas dimensões: a institucional e a clínica. Partindo da concepção já expressa no PPC anterior de unicidade da atuação profissional, entendemos que o psicopedagogo deve abarcar, em sua formação inicial, conhecimentos, competências e habilidades para exercer sua profissão em qualquer um destes diferentes espaços: na clínica, na instituição escolar, na empresa, no hospital, no serviço público e na organização da sociedade civil ou comunitária. O exercício da prática e a reflexão sobre ela impedem que a Psicopedagogia seja dividida em áreas de atuação estanques no estágio formativo do profissional, pelo menos na graduação.

b) Acrescentar horas e créditos ao PPC. Como no PPC então vigente a carga horária total para o curso era de 2.835 horas, não contemplava o tempo necessário para a formação integral do profissional psicopedagogo, ao mesmo tempo em que contrariava as Diretrizes para a Formação do Psicopedagogo no Brasil, produzido pela Associação Brasileira de Psicopedagogia – ABPP - e que é base para as discussões a respeito da regulamentação da profissão, que orienta os Cursos de Graduação em Psicopedagogia para terem 3200 horas de efetivo trabalho acadêmico, com quatro anos de duração. A matriz proposta previa 3.150 horas.

c) Permitir as mudanças de disciplinas e suas respectivas ementas. Dando ensejo à solicitação do aumento da carga horária do curso, constatamos que seria necessário incluir outros componentes curriculares no PPC, como Práticas Psicopedagógicas nas Organizações, Políticas e Práticas Psicopedagógicas no Contexto da Saúde, Práticas Psicopedagógicas no Contexto Hospitalar, Direitos Humanos, Educação e Práticas Inclusivas, Psicopedagogia e Diversidade, além de novos componentes voltados para as áreas de avaliação, planejamento, currículo e adaptação. O estágio foi ampliado de quatro para cinco semestres. Outros componentes foram subdivididos em dois (desenvolvimento infanto-juvenil) ou sua nomenclatura e ementa foram atualizadas.

A composição do novo currículo do Curso de Psicopedagogia assentou-se na concepção de eixos de conhecimentos, articulados e organizados em componentes que se desenvolvem ao longo do curso, em níveis crescentes de complexidade, para que seus conteúdos programáticos assegurem ao discente a construção de saberes, competências e habilidades inerentes à prática do psicopedagogo.

NOVOS SERVIÇOS E LABORATÓRIOS

O curso foi instalado em 2009 provisoriamente. As aulas foram ministradas no prédio onde estava sediado o Núcleo de Educação Especial – NEDESP. Posteriormente, foram transferidas para a Central de Aulas até que, em 2010, o novo prédio foi entre-

gue e se criaram melhores condições para o desenvolvimento de suas atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Dentre os avanços pelos quais o curso vem passando, podemos citar a oferta de novos serviços, a instalação de laboratórios voltados para uma aprendizagem mais proativa e a Clínica-escola como o primeiro grande serviço ofertado pelo curso à comunidade.

Em 2017, o Centro de Educação – CE, através de seu Conselho de Centro, criou uma comissão responsável por reorganizar seus espaços físicos, visando assegurar, com uma melhor distribuição, novas vagas em ambientes de professores, espaços para laboratórios e novas salas de aula. Nessa redistribuição, o Curso de Psicopedagogia e as demais graduações do CE foram beneficiados com a criação do Laboratório de Estudos e Práticas Pedagógicas Interdisciplinares que já está funcionando. Outro laboratório em processo de instalação é o de Artes e Ludicidade, onde serão ministradas aulas práticas de arte, psicomotricidade, dinâmicas de grupo e outras atividades.

UM DESAFIO: AVANÇAR NA PÓS-GRADUAÇÃO

Talvez o maior desafio do Curso de Psicopedagogia da UFPB seja o de avançar do campo da Graduação para a Pós-graduação. Por quê? Por dois motivos principais: a) semestralmente, são formadas dezenas de novos profissionais, cuja necessidade de formação continuada é real, já que o mercado de trabalho é

sobremaneira competitivo; b) como único curso de graduação instalado numa universidade pública federal (cujo modelo se assenta na indissociabilidade entre ensino e pesquisa), está condenado a ser um polo de produção de novos conhecimentos na área.

Até 2017, as atividades de pesquisa do curso centravam-se na atuação dos grupos de pesquisa. O Departamento de Psicopedagogia abrigava quatro grupos de pesquisa: o Grupo de Estudos em Processos de Aprendizagem e Diversidade (GEPAD); o Núcleo de Estudos do Desenvolvimento Humano, Educacional e Social (NEDHES); o Núcleo de Estudos em Saúde Mental, Educação e Justiça Social (NESMEJUS) - e o Núcleo de Estudos em Saúde Mental, Educação e Psicometria (NESMEP).

Muitos discentes que se envolveram nos grupos de pesquisa citados continuaram sua caminhada acadêmica em Cursos de Mestrado e até de Doutorado e estão sendo absorvidos por Programas de Pós-Graduação em Educação, Psicologia Social, Neurociência Cognitiva e Comportamento e Linguística. A implementação do Curso de Pós-Graduação em Psicopedagogia será fundamental para que os egressos do curso continuem pesquisando e contribuam para a produção de novos conhecimentos na área. Em 2011, o Departamento de Psicopedagogia apresentou à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) o projeto de criação do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Processos de Aprendizagem (PIPA): conexões biopsicossociais.

O projeto, inicialmente com nível de Mestrado e de caráter profissional, foi apresentado à área interdisciplinar, tendo como área de concentração “Aprendizagem e suas conexões biopsicossociais”, e duas linhas de pesquisa: *Avaliação, intervenção e prevenção nos processos de aprendizagem* e *Aprendizagem e Aprendizagem Sociocultural*. O projeto incorporava conhecimentos e professores de campos como Psicopedagogia, Pedagogia, Psicologia, Fonoaudiologia, Medicina, Letras e Neurociências. Apesar de ter sido bem avaliado, não conseguiu atender às exigências da CAPES.

Além da proposta para a criação do Mestrado, debatem-se sobre duas propostas: a de criar um curso de especialização e a de retomar o projeto do Mestrado. Os desdobramentos desse debate estavam previstos para logo depois da aprovação da reforma curricular, o que ocorrerá neste ano de 2018.

Conclusão

Ao longo deste trabalho, procuramos resgatar a memória da formação em Psicopedagogia na UFPB, tendo como referência a criação do Curso de Graduação na área em 2009. Primeiro, tecemos algumas considerações sobre o surgimento do curso e o cenário nacional e internacional da Psicopedagogia e seus avanços na Paraíba. Em seguida, abordamos a trajetória do curso, sua montagem, seu desenvolvimento e os desafios atuais.

A experiência de ter um Curso de Graduação em Psicopedagogia, em uma universidade federal, que destoa do modelo geral de formação na área (predominante em cursos de especialização *latu sensu*), apresenta muitas singularidades e confere a muitas de suas iniciativas um caráter original.

O curso, em 2019, completará dez anos. Muita coisa foi feita, mas ainda há muito por se fazer. A Psicopedagogia, como um campo do conhecimento, tem muito a contribuir com a educação brasileira, que conseguiu avançar muito quanto ao acesso à escola, mas ainda tem longo caminho a percorrer para atingir níveis de aprendizagem satisfatórios.

Esperamos, com este trabalho, provocar reflexões sobre os caminhos percorridos, para que os que já saíram, os que ainda estão cursando e os que virão trilhar pelo caminho do estudo e

intervir na aprendizagem humana saibam como esse curso, que ainda é desconhecido por muitos, foi criado.

Concluimos reafirmando nossa paixão pela educação, como resultado de – no linguajar de Paulo Freire - uma educação libertadora, promotora da construção do que a psicopedagoga Alicia Fernandez definia, em ‘Os idiomas do aprendente’, como a construção de sujeitos que, para além de receptores de ideias socialmente difundidas, sejam autores do seu pensamento e construtores ativos da vida social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, P. N. **Educação lúdica**: técnicas e jogos pedagógicos. 5ª Ed. São Paulo: Loyola, 1994.

ANJOS, E. K. O. dos; DIAS, J. R. A. **Psicopedagogia**: sua história, origem e campo de atuação. Ano VIII - Nº XVIII- JUL/2015. Disponível em: <http://www.fals.com.br/revela18/ed18/elza_anjos.pdf>. Acesso em: 17 Set. 2016.

ANASTASI, A. **Testes psicológicos**. São Paulo: EPU, 1982.

ANTUNES, C. **Vygotsky, quem diria?!** Em minha sala de aula. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 2003.

ARGENTI, P. W.; ESCOTT, C.M. **A formação em Psicopedagogia nas abordagens clínica e institucional**: uma construção teórico-prática. Novo Hamburgo: Feevale, 2001.

AYRES, A.M.; MOREIRA, S. G. Hiperatividade: uma leitura simbólica das relações. In: SCOZ, B. J. L, et al. **Psicopedagogia**: con-

tribuições para a educação pós-moderna. Petrópolis/RJ: Vozes; São Paulo: ABPp, 2004, p. 105-116.

BOMBONATTO, Q.; MALUF, M. I. **História da Psicopedagogia e da ABPp no Brasil: fatos, protagonista e conquista.** Rio de Janeiro: Wak Ed., 2007.

BOSSA, N. A. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática.** 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

BOSSA, N. A. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática.** 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CÉSAR, M. R. A. **A invenção da adolescência no discurso psicopedagógico.** São Paulo: Editora UNESP, 2008.

CLAPAREDE, E. **A escola sob medida.** Rio de Janeiro: Fundo de cultura, 1959.

CHAMAT, L. S. J. **Técnicas de intervenção psicopedagógica: para dificuldades e problemas de aprendizagem.** São Paulo: Vector, 2008.

COSTA, A. A.; PINTO, T. M. G.; ANDRADE, M. S. de. **Análise histórica do surgimento da Psicopedagogia no Brasil.** Revista de Psicologia. Ano 7, nº. 20, julho/2013. Disponível em: <<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/viewFile/234/258>>. Acesso em: 17 Set. 2016.

DECROLY, O. **Problemas de psicologia y de pedagogia.** Madrid: Francisco Beltrán, 1929.

DELDIME, R.; DEMOULIN, R. **Introdução à Psicopedagogia.** São Paulo: EPU Edusp, 1977.

DROUET, R. C. da R. **Distúrbios da aprendizagem**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.

FAGALI, E. Q.; VALE, Z. D. R. **Psicopedagogia institucional aplicada**: aprendizagem escolar dinâmica e construção na sala de aula. Petrópolis: Vozes, 1993.

FERNANDES, A. **Avaliação psicopedagógica**: histórias de um percurso. Rio de Janeiro: Wark Editora, 2013.

FERNÁNDEZ, A. **A inteligência aprisionada**: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Porto Alegre: Art-med, 1991.

FERNANDEZ, A. **Os idiomas do aprendente**. Porto Alegre: Art-med, 2001.

FERMON, S. Depoimento. [20 de novembro, 2016]. Psicopedagoga - ABPp 701-CE. Membro titular ABPp Nacional. Coordenadora Grupo de Estudos ABPp-PB. Entrevista concedida ao Grupo de Pesquisa GEPAD.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo, Paz e Terra, 1971.

FONTES, M. A. **Psicopedagogia e sociedade**: história, concepções e contribuições. São Paulo: Vêtor, 2006.

GIFFORD, C.; CARRER, J.; ALMEIDA, L. B. de. **Historiando os 18 anos de Psicopedagogia em Goiás**. Rev. Psicopedagogia 2008; 25(77): 158-67. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v25n77/v25n77a08.pdf>>. Acesso em: 17 Set. 2016.

GONÇALVES, L. dos S. **Psicopedagogia**: formação, identidade e atuação profissional. 2007. Disponível em: <[97](http://biblioteca-</p></div><div data-bbox=)

digital.puc-campinas.edu.br/services/monografias/Luciana%20dos%20Santos%20Goncalves.pdf>. Acesso em: 14 Set. 2016.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E. D. A., **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2007.

MALUF, A. C. M. **Brincar: prazer e aprendizado**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MALUF, M. I.; BOMBONATO, Q. **História da Psicopedagogia e da ABPp no Brasil**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec. 2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC. **Relatório de Avaliação do Curso de Psicopedagogia da UFPB**. 2013. Disponível em <http://sigaa.ufpb.br/sigaa/public/curso/documentos.jsf?lc=pt_BR&id=1626818>. Acesso em 29/12/2017.

MORAES, V. S. de. **As políticas públicas educacionais para a Pós-Graduação Lato Sensu no Brasil: Tendências atuais**. 2011. Disponível em: <<http://www.sbec.org.br/evt2012/trab52.pdf>>. Acesso em: 17 Set. 2016.

MERY, J. **Pedagogia curativa, escolar e Psicanálise**. Porto Alegre: Artmed, 1985.

MUNHOZ, M. L. P. Educação e família numa visão psicopedagógica sistêmica. In: SCOZ, B. J. L, et al. **Psicopedagogia: contribuições para a educação pós-moderna**. Petrópolis/RJ: Vozes; São Paulo: ABPp, 2004, p.175-183.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

Presidência da República. **Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010 - Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES.** Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm>. Acesso em 23/12/2017.

PORTO, O. **Psicopedagogia institucional:** teoria, prática e assessoramento psicopedagógico. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

RAMOS, G. P. **Psicopedagogia:** aparando arestas pela História. VIDYA, v. 27, n. 1, p. 9-20, jan./jun., 2007 - Santa Maria, 2009. Disponível em:<http://sites.unifra.br/Portals/35/Artigos/2007/Vol_1/V-PSICOPEDAGOGIA%5BBAIXA%5D.pdf>. Acesso em: 17 set. 2016.

RODRIGUES, J. M. C. Depoimento. [19 de janeiro, 2017]. Professora titular da UFPB. Entrevista concedida ao Grupo de Pesquisa GEPAD.

RUBINSTEIN, E.R. **O estilo de aprendizagem e a queixa escolar:** entre o saber e o conhecer. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

SÁ, M. S. M. M.; VALLE, B de B. R. do; DELOU, C. M. C. et al. **Introdução** à Psicopedagogia. 2. ed – Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2008. Disponível em: <<https://teologiaediscernimento.files.wordpress.com/2015/04/introduc3a7c3a3o-c3a0-Psicopedagogia.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2016

SAMPIERI, R. H.; CALLADO, C. F.; LUCIO, M. D. P. B. **Metodologia de pesquisa.** 5. Ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, J. N. (Orgs.). **Estudo comparativo sobre a formação em Psicopedagogia em três países:** Argentina, Brasil e Espanha. São Paulo: Revista de Psicopedagogia, 2012.

Fontes: SANTOS, Jane; MARTINS, Magali; MOTA, Maria do Carmo; OLIVEIRA, Rosa e ANDRADE, Márcia. Estudo comparativo sobre a Formação em Psicopedagogia em três países. Rev. Psicopedag., Vol.29, nº. 90, São Paulo, 2012, e pesquisa nas instituições.

SAVIANI, D. **A Pós-Graduação em Educação no Brasil:** trajetória, situação atual e perspectivas. Revista Diálogo Educacional - v. 1 - n.1 - p.1-95 - jan./jun. 2000. Disponível em: <file:///C:/Users/1%C3%ADvia/Downloads/dialogo-703.pdf>. Acesso em: 17 Set. 2016.

SAVIANI, D. **Escola e democracia:** polêmicas do nosso tempo. 32. ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

SCOZ, B.J.L. A identidade do psicopedagogo: formação e atuação profissional. In: SCOZ, B.J.L et.al. **Psicopedagogia:** contextualização, formação e atuação profissional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

SCOZ, B. **Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem.** Petrópolis: Vozes, 1994.

SOUZA, M.P. A queixa escolar e o predomínio de uma visão de mundo. In: MACHADO, A.M.; SOUZA, M. P. R. (Orgs.). **Psicologia escolar:** em busca de novos rumos. São Paulo: Caso do Psicólogo, 1997, p. 17-33.

Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Curso de Psicopedagogia. Núcleo Docente Estruturante. **Minuta do Projeto Político-pedagógico – PPC.** João Pessoa, 2017.

Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Curso de Psicopedagogia. **Resolução que cria o Núcleo Docente Estruturante – NDE.** Disponível em <http://sigaa.ufpb.br/sigaa/public/curso/documentos.jsf?lc=pt_BR&id=1626818>. Acesso em 29/12/2017.

Universidade Federal da Paraíba – UFPB. **Regimento Geral**. Disponível em <http://www.ufpb.br/sods/contents/paginas/institucional/copy_of_regimentos/regimento-geral>. Acesso em 12/12/2017.

ZORZI, J. L. Aprender a ler e a escrever: indo além dos métodos. In: SCOZ, B. J. L, et al. **Psicopedagogia: contribuições para a educação pós-moderna**. Petrópolis/RJ: Vozes; São Paulo: ABPp, 2004, p.161-174.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1968.

